



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL –
JORNALISMO**

DANIELE COELHO CAMPOS

“ESCREVER É UMA MANEIRA DE SANGRAR”: as aplicações da *Escrevivência* e o papel da subjetividade na produção do discurso jornalístico a partir de uma análise da atuação de comunicadores negros

SÃO LUÍS - MA

2025

DANIELE COELHO CAMPOS

“ESCREVER É UMA MANEIRA DE SANGRAR”: as aplicações da *Escrevivência* e o papel da subjetividade na produção do discurso jornalístico a partir de uma análise da atuação de comunicadores negros

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social
Orientadora: Profa. Dra. Flavia de Almeida Moura

SÃO LUÍS - MA
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Coelho Campos, Daniele.

ESCREVER É UMA MANEIRA DE SANGRAR: as aplicações da Escrevivência e o papel da subjetividade na produção do discurso jornalístico a partir de uma análise da atuação de comunicadores negros / Daniele Coelho Campos. - 2025.

61 f.

Orientador(a): Flávia de Almeida Moura.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Escrevivência. 2. Jornalismo Negro. 3. Subjetividade. 4. Identidade. 5. Oralidade. I. de Almeida Moura, Flávia. II. Título.

DANIELE COELHO CAMPOS

“ESCREVER É UMA MANEIRA DE SANGRAR”: as aplicações da *Escrevivência* e o papel da subjetividade na produção do discurso jornalístico a partir de uma análise da atuação de comunicadores negros

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social

Orientadora: Profa. Dra. Flavia de Almeida Moura

Aprovada em __ de __ de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flávia de Almeida Moura (orientadora)
Doutora em Comunicação
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Carolina Guerra Libério (examinadora)
Doutora em Comunicação e Cultura
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dr. Bruno Soares Ferreira (examinador)
Doutor em Comunicação e Cultura
Universidade Federal do Maranhão

Escrevo para não esquecer o que viveram os meus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo amor e reverência, à minha mãe, Socorro, e ao meu pai, Ronaldo, que são minha maior torcida e meu maior exemplo, tudo que sou é graças aos dois. Às minhas avós Inês e Erotilde Marcelina, que são os eixos centrais de toda a minha história. Aos meus avôs, José Pedro e José de Ribamar, que partiram e deixaram em mim seus legados.

Ao meu namorado, Davi, companheiro de vida, que esteve ao meu lado em cada desafio, oferecendo amor, paciência e incentivo.

Ao meu irmão, Diego, que sempre foi meu grande motivador e que, mais do que ninguém, compartilha suas vivências comigo. À minha prima Ana Beatriz, que partiu no meio desta escrita e me ensinou, na prática, o que é força e coragem. Às minhas tias, que sempre me acolheram com amor e cuidado, sou profundamente grata. E à Brisa e Malala, que enchem meus dias de energia e afeto.

Aos meus amigos da UFMA, que hoje são parceiros de vida, Kammyla, Bruna, Andressa, Rodrigo, Flaynan, Mogaji-Metá e Márvio, obrigada por terem sido abrigo ao longo desses anos.

À minha orientadora, Flávia, por sua sabedoria, empatia, disponibilidade e pela confiança no meu trabalho. Ao Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagem (NUPPI), onde aprendi a olhar o mundo de outras formas, e aos professores Carol, Jane e Bruno, por suas contribuições tão valiosas nesse percurso. Ao professor Xico, por seus ensinamentos, que foram norteadores da minha pesquisa. Minha eterna gratidão ao professor Junerlei, que deixou grandes ensinamentos em minha formação e no modo como comprehendo a vida.

Por fim, agradeço a Conceição Evaristo, cuja escrevivência foi farol e inspiração neste caminho, e a todas as mulheres negras que ousaram escrever suas vivências, suas dores, seus amores e suas existências.

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (Evaristo, 2011, p. 23).

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o jornalismo a partir da perspectiva da escrevivência, conceito desenvolvido pela escritora Conceição Evaristo. A pesquisa questiona a lógica da imparcialidade no jornalismo tradicional, destacando a centralidade da subjetividade e da identidade do sujeito que narra. Parte-se do entendimento de que toda produção jornalística carrega marcas da experiência de quem narra, sendo analisado, especialmente, o caso de comunicadores negros. A pesquisa busca compreender como a escrevivência, enquanto fusão entre vida e escrita, pode ser utilizada como chave metodológica para práticas jornalísticas que operam a partir da memória, da oralidade e do território. Adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo e documental, tendo como análise de caso a Rádio e TV Quilombo, veículo maranhense de comunicação negra. A análise evidencia como essas práticas se afastam da lógica hegemônica da neutralidade e constroem outras formas de narrar o real, centradas na experiência, na coletividade e na afirmação identitária.

Palavras-chave: escrevivência; jornalismo negro; subjetividade; identidade; oralidade.

ABSTRACT

This study proposes a reflection on journalism from the perspective of *escrevivência*, a concept developed by the writer Conceição Evaristo. The research questions the logic of impartiality in traditional journalism, highlighting the centrality of subjectivity and the identity of the narrator. It is based on the understanding that all journalistic production carries marks of the experience of those who narrate, with a particular focus on Black communicators. The research aims to understand how *escrevivência*, as a fusion between life and writing, can be used as a methodological tool for journalistic practices that operate through memory, orality, and territory. A qualitative, interpretive, and documentary approach is adopted, using Rádio e TV Quilombo (Black communication outlet from Maranhão, Brazil) as a case analysis. The analysis shows how these practices move away from the hegemonic logic of neutrality and build alternative ways of narrating reality, centered on experience, collectivity, and identity affirmation.

Keywords: *escrevivência*; black journalism; subjectivity; identity; orality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ESCREVIVÊNCIA	12
2.1 A biografia de Conceição Evaristo	12
2.2 O que é escrevivência: definição e conceitos fundamentais	14
2.2.1 O ato de traçar uma escrevivência no jornalismo	16
2.2.2 O processo de tornar o jornalismo subjetivo	19
3 JORNALISMO NEGRO	24
3.1 Contexto histórico do jornalismo negro no Brasil	24
3.2 Como os Estudos Culturais ajudam a pensar o jornalismo negro	28
3.2.1 Identidade cultural na comunicação	29
3.3 Reconfiguração dos fundamentos da prática jornalística a partir do Jornalismo Negro	32
4 ANÁLISE DA RÁDIO E TV QUILOMBO	34
4.1 Justificativa da escolha do objeto	35
4.2 Metodologia aplicada	37
4.3 Subjetividade, escrevivência e identidade cultural nas práticas comunicacionais da Rádio e TV Quilombo	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	59
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA:	59
APÊNDICE B - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	60

1 INTRODUÇÃO

A produção jornalística é frequentemente orientada por princípios de objetividade e imparcialidade, construídos historicamente como fundamentos da prática informativa moderna. No entanto, tais pressupostos desconsideram que todo texto é atravessado por escolhas, posições e experiências que revelam a presença de um sujeito por trás de cada narrativa. A compreensão do jornalismo como uma prática discursiva influenciada por marcadores sociais como raça, gênero e classe torna-se essencial para repensar o papel da subjetividade na construção da notícia, especialmente em contextos de exclusão histórica.

Partindo da premissa de que todo ato narrativo carrega uma dimensão de vivência, esta pesquisa se propõe a investigar de que modo a subjetividade, a memória e a identidade de jornalistas negros influenciam a produção do discurso jornalístico. A pesquisa parte do conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, que articula a experiência negra com a construção narrativa, não apenas como testemunho individual, mas como forma de memória coletiva e resistência simbólica. A escrita, para Evaristo, é indissociável da vida: é o ato de narrar o vivido, o escutado e o sentido. Essa concepção rompe com a separação entre sujeito e texto, propondo que, no ato de escrever, o autor também se inscreve (Conceição [...], 2020).

No campo da Comunicação, essa perspectiva encontra respaldo nos Estudos Culturais, em especial nos trabalhos de Stuart Hall (2006), que entende a cultura como um campo de produção de significados em disputa. Para Hall, a identidade é construída na linguagem, e o discurso midiático é uma das arenas centrais onde se travam lutas simbólicas por representação e reconhecimento. O jornalismo, nesse contexto, é mais do que um espelho da realidade, é uma prática social que participa da constituição das identidades e da estruturação das relações de poder.

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender como práticas de jornalismo negro, desenvolvidas a partir de vivências racializadas, desafiam as normas tradicionais da produção jornalística. A análise parte da observação de narrativas em que a subjetividade não é um desvio da norma, mas o fundamento da própria enunciação. Essas experiências encontram na oralidade, na escuta ativa e na enunciação territorializada não apenas formas de resistência, mas também novas epistemologias de produção de sentido, como sugere Muniz Sodré (2017), ao defender uma comunicação centrada na experiência afro-diaspórica, no corpo e na ancestralidade como lugares de conhecimento.

A pesquisa analisa, portanto, de que maneira jornalistas negros e veículos alternativos¹ incorporam em suas práticas elementos da escrevivência e da subjetividade como recursos para ressignificar o discurso jornalístico. Ao invés de buscar uma resposta definitiva sobre o valor da subjetividade no jornalismo, o estudo propõe refletir sobre como essa dimensão aparece e, muitas vezes, é silenciada nas escolhas editoriais, nas abordagens estéticas e nas estratégias narrativas adotadas por comunicadores que operam a partir de suas vivências.

Por meio da análise da atuação da Rádio e TV Quilombo, localizada no Maranhão, pretende-se investigar como a subjetividade negra, marcada por experiências ancestrais, pode ser mobilizada como instrumento de produção jornalística². A escolha por esse objeto se justifica pela necessidade de expandir o debate sobre os modos possíveis de narrar a realidade, reconhecendo que, em muitos casos, a neutralidade não é sinônimo de imparcialidade, mas uma forma de invisibilizar vozes historicamente silenciadas.

Assim, esta monografia busca contribuir para o debate sobre os limites e as possibilidades da subjetividade no jornalismo, propondo a escrevivência como uma chave de leitura para compreender práticas comunicacionais que escapam às normas institucionais e criam diferentes formas de fala, escuta e representação. Ao reconhecer o jornalista como sujeito histórico e político, abre-se espaço para outras formas de narração mais sensíveis em sua complexidade humana.

Este trabalho não se propõe a criar uma metodologia ou a formular um modelo de aplicação experimental. Antes, oferece uma perspectiva analítica para refletir sobre práticas comunicacionais já existentes, nas quais jornalistas negros incorporam a escrevivência como gesto político e narrativo. A partir de uma abordagem qualitativa, busca-se compreender como essas experiências tensionam os limites da objetividade jornalística, deslocam os parâmetros hegemônicos da linguagem e ampliam as possibilidades de contar histórias a partir de outras centralidades. Trata-se, assim, de reconhecer o jornalismo como território também de subjetividade, memória e resistência.

Metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada por referenciais teóricos que reconhecem o papel do sujeito e das experiências na produção do

¹ Entendemos aqui alternativo como algo que esteja fora dos padrões hegemônicos, mas não temos pretensão de trazer a discussão analítica desta categoria neste estudo.

² Vale destacar que não estamos tomando a rádio e TV Quilombo como objeto empírico nesta pesquisa a partir de critérios jornalísticos técnicos ou profissionalizantes. Nossa referência maior para a escolha de análise desta experiência se dá a partir do conceito de escrevivência, que tentamos desenvolver neste trabalho e contribuir, assim, para ampliar o olhar do campo jornalístico de uma forma epistemológica.

conhecimento. Conforme delineado por Poupart (2008), a pesquisa qualitativa permite apreender significados a partir das experiências dos sujeitos, considerando seus contextos socioculturais e históricos. Nesse percurso, a pesquisa bibliográfica foi essencial para mapear o campo teórico sobre escrevivência, subjetividade e jornalismo negro, enquanto a análise documental, segundo as orientações de Cellard (2008), serviu como estratégia para examinar produções comunicacionais da Rádio e TV Quilombo, buscando nelas vestígios simbólicos das vivências e memórias coletivas que estruturam suas narrativas. Complementarmente, foi realizada uma entrevista com Raimundo Quilombo, idealizador do projeto, com o objetivo de aprofundar a compreensão das motivações, princípios e experiências que orientam a atuação do veículo.

A estrutura da monografia organiza-se da seguinte maneira: no capítulo 2, desenvolvo o conceito de escrevivência, a partir da trajetória e do pensamento de Conceição Evaristo, articulando-o com os modos de narrar no jornalismo; no capítulo 3, exploro os fundamentos históricos, epistemológicos e políticos do jornalismo negro, em diálogo com os Estudos Culturais, especialmente com Stuart Hall, abordando a identidade cultural e a representação narrativa; no capítulo 4, apresento a Rádio e TV Quilombo como objeto empírico da pesquisa, justificando sua escolha, detalhando os procedimentos metodológicos de análise documental e interpretando suas práticas comunicacionais sob a perspectiva da escrevivência, da subjetividade e da identidade cultural; por fim, no capítulo 5, reúno as considerações finais, destacando as principais contribuições do estudo, seus limites e as possibilidades futuras de aprofundamento sobre os modos de narrar no jornalismo.

2 ESCREVIVÊNCIA

Ao propor uma reflexão sobre subjetividade no jornalismo, torna-se indispensável compreender as matrizes que fundamentam essa perspectiva. Neste capítulo, busca-se aprofundar a discussão sobre a escrevivência, conceito idealizado pela escritora Conceição Evaristo, cuja obra se consolida como referência fundamental para pensar as narrativas jornalistas de comunicadores negros.

Compreender a escrevivência é também entender que a escrita não se dissocia da vida. Trata-se de uma produção textual que rompe com os modelos tradicionais, que historicamente separaram razão e emoção, sujeito e objeto, literatura e realidade. A escrevivência desloca essa lógica ao afirmar que todo ato de narrar carrega consigo marcas de quem escreve: suas dores, seus afetos, suas memórias, seus pertencimentos.

Ao longo deste capítulo, é possível observar como essa perspectiva, inicialmente forjada no campo da literatura, se expande e se torna uma chave epistemológica para pensar práticas comunicacionais, especialmente quando se trata da atuação de sujeitos negros na mídia. Antes, porém, é necessário revisitá-la trajetória de Conceição Evaristo, cuja própria história de vida dá sentido ao conceito que ela desenvolveu.

2.1 A biografia de Conceição Evaristo

Conceição Evaristo nasceu em 1946, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Segunda de nove filhos, cresceu na favela do Pendura Saia, região marcada pela precarização estrutural do acesso a direitos básicos e extinta na década de 1970. Trabalhou como empregada doméstica enquanto cursava o magistério, que concluiu aos 25 anos, em 1971, etapa que marca o início de sua trajetória educacional formal.

Em 1973, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou no serviço público como professora da rede municipal, permanecendo na função por mais de três décadas. O ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1987, para o curso de Letras, representou um ponto crucial na trajetória intelectual da escritora. Nesse período, integrou o coletivo Quilombo³ voltado à valorização da literatura negra brasileira, e publicou seus primeiros

³ Coletivo literário fundado em São Paulo, na década de 1980, voltado à valorização da produção literária negra. Tornou-se referência na organização de escritores negros e na articulação política e estética da literatura afro-brasileira.

textos na série *Cadernos Negro*⁴, em 1990, aos 44 anos; fato que marca sua entrada na literatura a partir de uma experiência acumulada de vida e trabalho.

Posteriormente, concluiu o mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com a dissertação *Literatura negra: uma poética da nossa afrobrasiliidade*, e o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), consolidando uma formação acadêmica atravessada pelo compromisso com a representação de sujeitos historicamente desprivilegiados.

Sua atuação extrapola a literatura e insere-se no campo da formação crítica, com passagens por instituições como a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade Estadual da Bahia e o Middlebury College (EUA). Com uma obra composta por sete livros publicados, entre romances, coletâneas de contos, poesias e ensaios, além de dezenas de textos em antologias no Brasil e no exterior, Conceição Evaristo se consolidou como uma grande voz da literatura brasileira contemporânea. Suas principais obras são *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016) e *Olhos D'Água* (2014), este último vencedor do Prêmio Jabuti na categoria contos. Sua produção também inclui obras infantis, como *Melodia de Cristal* (2018), e reflexões teóricas, como o livro *Escrevivências e outros ensaios* (2023). Assim, Evaristo constrói uma produção textual que articula memória e linguagem, colocando a vivência negra como centro de enunciação.

Ela levou o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, em 2023, sendo a primeira mulher negra a receber essa honraria. Além disso, foi homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti em 2019 e recebeu o Prêmio Jabuti em 2017 na categoria contos e crônicas, entre outras premiações. Em 2022, tornou-se a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Academia Mineira de Letras (AML), um marco histórico que evidencia tanto seu reconhecimento quanto às barreiras que precisam ser rompidas. Por outro lado, sua não eleição à Academia Brasileira de Letras (ABL) até hoje revela os mecanismos sutis (e, por vezes, explícitos) de exclusão que ainda marcam as instituições literárias e acadêmicas brasileiras.

Sua escrita formula a escrevivência como categoria que ultrapassa os limites da literatura, propondo um modo de narrar comprometido com a historicidade do povo negro. Desse modo, a trajetória de Conceição Evaristo propõe uma inovação no campo da narrativa e da crítica literária ao posicionar a experiência como fundamento da linguagem.

⁴ Publicação anual criada pelo coletivo Quilomboje em 1978, que reúne contos, poemas e textos de escritores negros, sendo uma das mais importantes expressões da literatura afro-brasileira contemporânea

2.2 O que é escrevivência: definição e conceitos fundamentais

A escrevivência, conforme delineada por Conceição Evaristo, é a escrita que emerge das experiências concretas da existência negra, sobretudo da vivência de mulheres negras. Trata-se de um deslocamento proposital e necessário das práticas tradicionais de escrita, que historicamente se edificaram sobre a negação das subjetividades negras, suas memórias, suas vozes e seus modos próprios de produzir conhecimento. A partir da fusão entre a escrita e a vivência, Evaristo propõe uma ruptura com os modelos de narração ocidentais hegemônicos (frequentemente branco, masculino e pertencente às elites econômicas e culturais), que tendem a dissociar o sujeito da linguagem, como se fosse possível narrar a partir de um ponto de vista neutro, universal e ausente de marcas sociais. A escrevivência, ao contrário, se sustenta sobre a ideia de que todo ato de escrever é, inevitavelmente, um ato de testemunho e de construção identitária.

Segundo Evaristo (2020), a escrevivência se constitui como uma escrita que não se ancora apenas na observação do mundo, mas, sobretudo, na vivência desse mundo, na materialidade da existência e na memória coletiva forjada nos corpos, nos territórios e nas ancestralidades negras.

Nesse sentido, a escrevivência torna-se não apenas uma prática literária, mas uma forma de intervenção na realidade social, ao reconstituir narrativas que foram historicamente marginalizadas ou apagadas. A escrita passa, assim, a ser compreendida como um espaço de disputa, em que o sujeito que escreve se coloca no mundo e reivindica sua existência por meio da linguagem. Assim, os saberes afrocentrados ganham importância frente à racionalidade eurocentrada e colonial.

Diferente das práticas normativas da literatura e das epistemologias hegemônicas, que legitimam determinados saberes em detrimento de outros, a escrevivência se posiciona como um gesto radical de transformação ao assumir a subjetividade como elemento de grande importância. É, portanto, uma prática que rompe com os limites da ficção tradicional e também com as formas acadêmicas convencionais de produção do conhecimento, ao afirmar que toda escrita é política, carregada de marcas, lugares e histórias.

Como aponta Evaristo (2020), "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos justos". Essa afirmação sintetiza o potencial disruptivo desse conceito, que tensiona as estruturas narrativas coloniais e denuncia as ausências

sistematicamente produzidas pelo projeto civilizatório ocidental, que por séculos apagou, silenciou e subalternizou corpos, vozes e saberes negros.

A escrevivência, portanto, não se reduz a um exercício de escrita autobiográfica ou a uma prática de autoficção individualizada, embora parte da experiência do “eu”. Ao contrário, ela assume uma dimensão coletiva, comunitária e ancestral. É uma escrita que, ao narrar uma história pessoal, carrega em si a memória de uma coletividade inteira, de um povo historicamente atravessado pela diáspora, pela violência colonial, pela escravização e pela resistência cultural.

Como Evaristo mesma propõe: a escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si que se limita à história de um eu sozinho que se perde na solidão de Narciso. A escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas (Evaristo, 2020).

A partir dessa afirmação, a escritora estabelece uma crítica direta às epistemologias eurocentradas que estruturam os modelos tradicionais de escrita de si. O mito de Narciso, nesse contexto, simboliza uma escrita autoreferente, individualista e desconectada da coletividade. Trata-se de uma metáfora que representa os processos históricos de apagamento e silenciamento das subjetividades negras nas produções discursivas hegemônicas. As águas de Narciso não refletem os corpos negros, não acolhem suas memórias nem reverberam suas vozes.

Em contraposição, Conceição Evaristo mobiliza elementos da cosmologia afro-brasileira para propor uma outra lógica de escrita, ancorada nos abebés de Oxum e Iemanjá (espelhos sagrados presentes nas tradições de matriz africana). O abebé de Oxum (orixá das águas doces, da beleza, da fertilidade e do cuidado) reflete a subjetividade individual, permitindo que o sujeito negro se reconheça, reafirme sua existência e recupere sua identidade historicamente mutilada pela colonialidade.

Já o abebé de Iemanjá (orixá das águas salgadas, da maternidade, da coletividade e das profundezas) amplia esse reflexo para além do eu, permitindo que o sujeito se veja inserido em uma coletividade, conectado às ancestralidades, às memórias compartilhadas e às experiências

coletivas. Nesse espelho, a escrita se configura como prática que transcende o âmbito individual, reafirmando o pertencimento a uma comunidade histórica e cultural.

Portanto, ao rejeitar o espelho de Narciso e adotar os abebés de Oxum e Iemanjá como referenciais simbólicos, Evaristo propõe um conceito de base afrocentrada e decolonial, que reescreve os saberes, as vozes e as experiências negras como centro de enunciação. Dessa maneira, a escrevivência se apresenta como uma práxis que não apenas reivindica a palavra como direito, mas também tensiona a centralidade do texto como espaço de reprodução da colonialidade. A palavra, nesse contexto, deixa de ser mero instrumento de registro ou de ficcionalização da realidade para assumir um papel de denúncia e de afirmação. É, ao mesmo tempo, ferramenta de resistência e dispositivo de produção de novas narrativas (Evaristo, 2020).

2.2.1 O ato de traçar uma escrevivência no jornalismo

Traçar uma escrevivência no jornalismo significa tensionar diretamente os fundamentos epistemológicos e metodológicos que sustentaram historicamente a prática jornalística moderna, especialmente sua adesão ao ideal de objetividade. O conceito, formulado por Conceição Evaristo, desloca a noção de escrita para um lugar em que a vida, a experiência e a memória coletiva se tornam elementos estruturantes da narrativa.

Se, no campo da literatura, a escrevivência já se coloca como ruptura com a lógica da escrita eurocentrada (baseada na separação entre sujeito e objeto, fato e ficção); no campo do jornalismo, esse deslocamento assume uma carga ainda mais subversiva. Isso porque, desde a consolidação dos manuais de redação no século XIX, a prática jornalística foi forjada sob a praxe da neutralidade, da imparcialidade e da transparência, construindo um modelo que, em partes se compromete com os fatos, mas na prática, invisibiliza as marcas subjetivas, raciais, territoriais e afetivas dos sujeitos que narram, adotando também limites editoriais.

Assim, ao relacionar a escrevivência como característica aplicável ao jornalismo, parte-se da compreensão de que toda escrita é, necessariamente, atravessada por diferentes experiências de quem escreve, o mesmo cabe à escrita jornalística, mesmo que isso não seja diretamente percebido. Ao propor essa pesquisa, parto do fato que corpos negros são sistematicamente excluídos dos espaços de produção de conhecimento e dos meios de grande visibilidade jornalística, mas também parto do reconhecimento que toda narrativa é, antes de tudo, posicionada.

Quando esse conceito atravessa o jornalismo, ele opera como uma ruptura metodológica, na medida em que desloca a escrita jornalística do lugar da pretensa isenção para

o reconhecimento de que todo ato de narrar é, inevitavelmente, um ato de se posicionar no mundo. A escrevivência, nesse sentido, propõe que a narrativa não é apenas um reflexo do real, mas uma mediação situada, atravessada por afetos, experiências, territórios, ancestralidades e relações de poder. Isso significa admitir que o sujeito que narra não é invisível, mas um agente constituinte do discurso.

Portanto, traçar uma escrevivência no jornalismo é afirmar que o sujeito que narra carrega consigo, em diferentes níveis, sua história, seu corpo, sua memória e sua coletividade. Isso se faz, sobretudo, na escolha de quais histórias contar, na escuta sensível, na valorização das vozes das personagens, no uso de linguagens que rompem com o padrão tecnicista dos grandes meios. Nesse sentido, a escrevivência se articula como uma prática que não apenas documenta o mundo, mas o interpreta a partir de uma perspectiva contra-hegemônica.

Esse deslocamento dialoga diretamente com os Estudos Culturais na medida em que reconhece a produção jornalística como prática cultural e discursiva, situada dentro de relações de poder. O conceito traçado por Conceição Evaristo, que critica o mito do universalismo na escrita, encontra total ressonância nas formulações de Stuart Hall (2006), quando ele afirma que os discursos são, antes de tudo, práticas culturais inseridas em relações desiguais de poder. Para Hall, não existe representação neutra ou inocente: todo discurso participa da construção social da realidade e, portanto, está implicado nas disputas por sentido e por hegemonia cultural. Isso é particularmente evidente no jornalismo, cuja pretensão de espelhar o mundo sem interferências mascara, na verdade, os interesses, as ideologias e os filtros culturais de quem produz a narrativa, do veículo ou da linha editorial que está inserido.

Ao incorporar a escrevivência no fazer jornalístico, o comunicador rompe com o paradigma da exterioridade (aquele que pressupõe que o jornalista observa o mundo de fora, de um ponto de vista neutro), e assume que o ato de narrar é, também, um ato de se colocar no mundo, de afirmar sua presença e de disputar sentidos na esfera pública.

Ao propor uma prática de escrevivência no jornalismo, rompe-se com o que Hall (2006) caracteriza como a ilusão de que os meios de comunicação funcionam como espelhos neutros da realidade. Pelo contrário, como o autor demonstra, os processos de representação são, na verdade, processos de construção, onde a linguagem, as imagens e os textos não apenas descrevem o mundo, mas também participamativamente da sua configuração simbólica e material.

Muniz Sodré, em Pensar Nagô (2017), por sua vez, amplia essa compreensão ao propor uma epistemologia comunicacional que se funda na oralidade, na corporeidade e na

ancestralidade, especialmente a partir de matrizes culturais afro-diaspóricas. Para Sodré (2017), a comunicação não se reduz à circulação de informações codificadas, mas é, sobretudo, um fenômeno existencial, que se realiza no corpo, na voz, no gesto e na coletividade. Assim, quando um jornalista negro narra a partir da escrevivência, ele ativa uma lógica comunicacional que não se alinha aos paradigmas da racionalidade eurocêntrica, mas se ancora na experiência vivida, na memória compartilhada e no saber ancestral.

Nesse ponto, é fundamental compreender que a prática jornalística, quando atravessada pela escrevivência, não se estrutura mais a partir da distância entre o sujeito e o objeto. Ao contrário, ela assume que a fronteira entre quem narra e aquilo que é narrado se dilui, pois o jornalista torna-se, ele próprio, parte da história que conta. Essa concepção rompe com a ideia do jornalista como mero mediador neutro e o reposiciona como sujeito implicado, afetado e comprometido com os sentidos que produz. Esse entendimento se articula com as críticas feitas por Adelmo Genro Filho (2012), para quem o jornalismo deve ser compreendido como uma forma de conhecimento e não como mera transmissão de fatos “neutros”. Genro propõe que o jornalismo é um processo interpretativo que envolve mediações sociais e culturais, sendo impossível dissociá-lo das condições concretas do sujeito que narra.

O jornalismo não produz um tipo de conhecimento, tal como a ciência, que dissolve a feição singular do mundo em categorias lógicas universais, mas precisamente reconstitui a singularidade, simbolicamente, tendo consciência que ela mesma se dissolve no tempo. O singular é, por natureza, efêmero. O jornalismo tampouco elabora uma espécie de representação cujo aspecto singular é arbitrário, projetado soberanamente pela subjetividade do autor, tal como acontece na arte, onde o típico é o eixo fundamental de contato com a realidade. O processo de significação produzido pelo jornalismo situa-se na exata contextura entre duas variáveis: 1) as relações objetivas do evento, o grau de amplitude e radicalidade do acontecimento em relação a uma totalidade social considerada; 2) as relações e significações que são constituídas no ato de sua produção e comunicação. (Genro, 2012, p.62)

Da mesma forma, o mito da objetividade serve muitas vezes como uma máscara para ocultar os filtros ideológicos que operam nas escolhas jornalísticas. Esse pensamento de Genro, ao lado do que propõe Evaristo com a escrevivência, reforça a ideia de que todo relato jornalístico é uma construção e, como tal, está atravessado por subjetividades e posicionamentos ético-políticos.

Essa crítica também ecoa na obra de bell hooks (2018), quando ela denuncia aquilo que chama de ‘colonialismo da linguagem’⁵. Para a autora, romper com as linguagens da dominação não é apenas questionar os conteúdos, mas também desestabilizar as formas, as estruturas narrativas, os modos de escuta e de enunciação. A escrita (ou, neste caso, a narrativa jornalística) que se ancora na escrevivência não é apenas uma descrição dos fatos, mas uma afirmação de subjetividades historicamente silenciadas.

Portanto, ao se falar em traçar uma escrevivência no jornalismo, fala-se em reivindicar o direito de narrar a partir de um lugar que não é universal, mas situado em cada jornalista e em cada notícia. É afirmar que a escrita jornalística também carrega marcas: da cor, do gênero, do território, da classe e da história de quem escreve. É recusar a lógica colonial que transformou o distanciamento do fato em sinônimos de rigor e de verdade.

Na prática, isso se materializa em escolhas editoriais, na seleção das pautas, na forma de escutar as fontes, na escolha dos enquadramentos e até na estética da narrativa. Traçar uma escrevivência no jornalismo trata-se também de assumir uma escuta sensível e um compromisso com os sujeitos que fazem parte da notícia, não como objetos de fala, mas como co-construtores da narrativa. Esse é um gesto que desloca completamente os critérios de validação do jornalismo hegemônico e que insere na centralidade do discurso outras epistemologias, outras formas de conhecer e de narrar.

A escrevivência aplicada ao jornalismo se traduz, portanto, na produção de narrativas que são denúncia e testemunho; que informam, mas também afetam; que produzem dados, mas também memórias; que iluminam os fatos, mas sem apagar os sujeitos. É, como diz Stuart Hall (2006), entender a linguagem como “lugar de luta”, onde os significados são sempre provisórios, negociados e disputados. E, nesse campo de disputa, a subjetividade deixa de ser ruído e se torna um elemento potente no jornalismo.

2.2.2 *O processo de tornar o jornalismo subjetivo*

Partindo do reconhecimento de que toda produção discursiva é atravessada por marcas sociais, culturais, históricas e afetivas, quando se introduz a escrevivência como chave epistemológica para pensar o jornalismo, o que se propõe não é simplesmente substituir a objetividade pela subjetividade, mas reconhecer que ambas são elementos necessários e,

⁵ Expressão utilizada por bell hooks para denunciar como estruturas linguísticas e narrativas reproduzem lógicas de dominação colonial, apagando saberes, vozes e formas de expressão de povos racializados e subalternizados.

portanto, passíveis de crítica e ressignificação. No entanto, o jornalismo, historicamente adotou a objetividade como princípio ético e metodológico. A promessa da neutralidade não é apenas uma técnica, mas um dispositivo ideológico que sustenta as hierarquias discursivas e legitima determinados modos de narrar e interpretar o mundo em detrimento de outros. Nesse contexto, sob a ótica da escrevivência, a subjetividade deixa de ser vista como falha, viés ou distorção e passa a ser compreendida como elemento constitutivo da narrativa.

Pensar dessa forma dialoga diretamente com Walter Benjamin, que, no ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (2012), denuncia o esvaziamento da experiência no relato moderno. Para Benjamin, a modernidade, ao privilegiar a informação rápida e factual, rompe com a tradição da narrativa como partilha da experiência, como construção coletiva de memória e de sentido. O jornalista moderno, capturado pela lógica da objetividade, perde, assim, sua função de narrador, tornando-se mero transmissor de dados fragmentados, desvinculados do que é vivido.

Ao introduzir a escrevivência como método, o jornalismo se reconecta com a dimensão narrativa da notícia. Isso significa reconhecer que o sujeito que narra não é apenas um observador externo, mas alguém que se insere na própria narrativa, que compartilha vínculos com o que reporta e que, muitas vezes, também é afetado pelas histórias que conta.

Inclui-se, ainda, que a subjetividade não é uma exclusividade de narrativas produzidas nas margens, nem está restrita apenas a comunicadores racializados. Ela se manifesta, inclusive, no interior dos grandes veículos jornalísticos, quando o sujeito que narra não consegue (ou escolhe não) separar sua experiência pessoal da notícia que reporta. Um exemplo emblemático ocorreu durante uma transmissão da GloboNews, quando o jornalista Pedro Neville se emocionou ao noticiar a morte da atriz Nicette Bruno, vítima da Covid-19. Ao lembrar, ao vivo, da própria mãe, que também faleceu em decorrência do vírus, Neville interrompeu a lógica da narrativa protocolar e da neutralidade profissional para compartilhar, ainda que brevemente, sua dor. “É difícil... porque, além de ser uma atriz que faz parte da vida de todos nós, eu também perdi minha mãe para a Covid. Então é impossível não lembrar” (Revista Quem, 2020). Esse episódio evidencia que a separação rígida entre fato e emoção, entre profissionalismo e humanidade, é, muitas vezes, insustentável. Mais do que um deslize, esse gesto revela que o jornalista é também sujeito, corpo afetado, alguém que, enquanto noticia, também vive, sente e elabora suas próprias dores. Esse acontecimento reforça que a subjetividade, longe de ser um ruído, é parte inegociável do processo de narrar o mundo.

No caso de comunicadores negros, esse processo adquire ainda mais densidade. Como observa Sueli Carneiro (2005), a experiência negra é constantemente negada como fonte legítima de conhecimento e de produção de verdade. Ao tornar o jornalismo subjetivo, esses comunicadores não estão apenas reivindicando uma prática estética diferenciada, mas também afirmando um projeto político de reparação simbólica e de resistência epistêmica.

Essa subjetividade não é sinônimo de parcialidade no sentido pejorativo que o jornalismo convencional lhe atribui. Pelo contrário, ela opera como dispositivo de legitimação de saberes que, historicamente, foram desconsiderados ou subalternizados. O corpo, o território, a memória e a experiência passam a ser reconhecidos como fontes legítimas de autoridade narrativa, desmontando, assim, as hierarquias de quem pode falar, sobre quem se fala e a partir de qual lugar se fala.

Muniz Sodré (2017) reforça que uma comunicação ancorada na lógica afro-diaspórica se estrutura na oralidade, na corporeidade e na ancestralidade. Tornar o jornalismo subjetivo, portanto, é também uma operação de descolonização da linguagem, da estética e dos próprios critérios que definem o que é considerado jornalismo legítimo.

Assim, esse processo não consiste em abandonar os critérios de rigor, mas em redefinir o que se entende por rigor a partir de outros referenciais. Um jornalismo subjetivo, quando ancorado na escrevivência, se torna mais sensível à complexidade das experiências humanas, mais comprometido com a escuta ativa e mais capaz de construir narrativas que não apenas informam, mas que também enxergam e fortalecem comunidades historicamente inviabilizadas.

Portanto, a subjetividade, frequentemente vista como elemento indesejável na prática jornalística, é, na realidade, constitutiva do discurso. Todo texto jornalístico é produto de escolhas editoriais, de perspectivas individuais e de condicionamentos institucionais. Negar essa condição é reforçar uma ilusão de neutralidade que favorece a manutenção das hierarquias discursivas.

Como citado anteriormente, Walter Benjamin já lamentava o esvaziamento da experiência no relato moderno. Para o autor, a narrativa tradicional, ancorada na partilha da experiência entre sujeitos, foi gradualmente substituída por uma forma de comunicação empobrecida, centrada na transmissão imediata da informação, desvinculada da sabedoria e do tempo necessário à elaboração dos sentidos (Benjamin, 2012). O jornalista moderno, capturado pela lógica da objetividade, teria se afastado da função narrativa, perdendo a capacidade de transmitir a experiência vivida.

Essa lógica do empobrecimento da experiência na narrativa, observada pelo autor, se agrava ainda mais no cenário contemporâneo, marcado pela aceleração dos fluxos de informação e pela crescente automatização dos processos de produção textual, especialmente com o avanço de tecnologias como a inteligência artificial gerativa. Ferramentas como o ChatGPT, Gemini, entre outras, operam a partir de grandes bancos de dados e replicam padrões discursivos baseados em previsibilidade algorítmica. Embora sejam instrumentos potentes para determinados usos, essas inteligências não carregam vivências, não possuem corpo, memória, afetos nem localização social. O risco, portanto, é que a escrita passe a ser cada vez mais homogênea, genérica e desprovida de marcas subjetivas, reforçando uma lógica de padronização discursiva que esvazia as narrativas de sentidos mais profundos, afetivos e políticos. Quando a palavra se torna apenas produto automatizado, fabricado em série, ela se distancia tanto da verdade quanto da subjetividade, correndo o risco de reproduzir não só superficialidades, mas também estereótipos, apagamentos e distorções. Por isso, torna-se urgente reivindicar modos de escrita que sejam atravessados pela experiência, pela escuta e pela responsabilidade ética, elementos que nenhuma inteligência artificial pode simular de forma autêntica.

Retomar Benjamin é essencial para compreender o papel do jornalista como narrador. Assim como o contador de histórias da tradição oral, o jornalista que escreve a partir da escrevivência compromete-se com o conteúdo de sua narrativa, não apenas do ponto de vista factual, mas também humano. Ele assume os riscos e as implicações de sua escrita, porque reconhece que aquilo que narra também o constitui.

Tornar o jornalismo subjetivo, portanto, é reconhecer que a escrita jornalística não é um espelho do real, mas uma mediação carregada de sentidos, atravessada por posicionamentos. No caso de comunicadores negros, essa subjetividade se torna ainda mais carregada de sentido, pois carrega as marcas da luta por legitimidade e por reparação histórica. A escrevivência, nesse cenário, atua desestabilizando as fronteiras entre o sujeito e o objeto da notícia, entre o repórter e a pauta, entre a dor e a denúncia.

Ao articular jornalismo, subjetividade e escrevivência, este trabalho não propõe um modelo experimental ou uma nova metodologia aplicada diretamente, mas sim uma lente analítica para compreender experiências comunicacionais que já estão em curso. Trata-se de investigar, por meio de uma abordagem qualitativa, como determinados comunicadores negros têm incorporado elementos da escrevivência em suas práticas, tensionando as noções tradicionais de objetividade e ampliando os horizontes narrativos do jornalismo. Essa

perspectiva busca evidenciar como essas vozes têm contribuído para ressignificar o fazer jornalístico, promovendo uma descolonização da linguagem e reafirmando o jornalismo como instrumento de transformação social.

3 JORNALISMO NEGRO

A constituição de um jornalismo negro no Brasil não é uma ocorrência recente, tampouco uma prática marginal ou derivada do fazer jornalístico hegemônico. Trata-se de um campo próprio, com raízes históricas consolidadas ao longo do tempo e projetos políticos bem definidos, cujas bases conceituais e estéticas já desafiam os pilares da objetividade e da neutralidade que estruturam a tradição jornalística ocidental só pelo fato em si de caracterizar-se como um jornalismo negro. Este capítulo propõe uma reflexão teórica e histórica sobre o jornalismo negro, compreendendo-o como prática comunicacional insurgente, pedagógica e epistemológica, enraizada nos processos de resistência da população negra brasileira.

Para isso, parte-se de uma contextualização histórica das iniciativas do movimento negro na imprensa, demonstrando como esses veículos funcionaram como ferramentas de organização política, afirmação identitária e enfrentamento do racismo. Em seguida, o capítulo articula essas práticas com os fundamentos dos Estudos Culturais, a fim de evidenciar como o jornalismo negro rompe com os modelos tradicionais de enunciação e propõe outras formas de produção de sentido.

Por fim, analisa-se o papel do jornalismo negro como operador de identidades culturais, ressaltando sua capacidade de forjar vínculos comunitários, reinscrever corpos e vozes nas narrativas midiáticas e propor um novo regime de visibilidade. O capítulo sugere que o jornalismo negro seja compreendido não apenas como um contraponto à mídia dominante, mas como uma prática de reconfiguração das epistemologias do comunicar.

3.1 Contexto histórico do jornalismo negro no Brasil

A trajetória do jornalismo negro no Brasil não pode ser compreendida como um mero apêndice da história oficial da imprensa nacional. Trata-se de um campo discursivo autônomo, forjado na intersecção entre o silenciamento institucional, a exclusão racial e a insurgência epistêmica. O jornalismo negro emerge como prática comunicacional própria, articulada indissociavelmente aos movimentos sociais negros e aos processos históricos de resistência da população afro-brasileira. É uma prática que tensiona as noções tradicionais de neutralidade e propõe outras formas de narrar, escutar e significar a realidade.

Em 1798, durante a Revolta dos Búzios, em um contexto em que a atividade imprensa era proibida no Brasil, já circulavam panfletos em Salvador que utilizavam a palavra escrita

como instrumento de organização e reivindicação política (Tavares, 2016). Esses documentos marcam um dos primeiros registros de uso estratégico da comunicação por pessoas negras, mesmo que à margem do modelo formal da imprensa da época. Já ao longo do século XIX, esse movimento ganha força com o surgimento de jornais produzidos por pessoas negras livres ou libertas, constituindo uma tradição jornalística baseada em temas, linguagens e abordagens que, embora muitas vezes ignoradas pela história oficial da comunicação, são fundamentais para compreender os contornos da imprensa brasileira. Muniz Sodré (2009, p.241) afirma que “a imprensa negra reflete os protestos e as esperanças dos descendentes de africanos”.

Para Roger Bastide (1983), o estudo da imprensa negra oferece caminhos para compreender aspectos da subjetividade e da formação política da população negra submetida à escravidão por mais de quatrocentos anos no Brasil. Em sua análise, ele observa que os jornais produzidos por pessoas negras não tinham como objetivo principal a veiculação de notícias gerais, uma vez que os indivíduos negros alfabetizados também acessavam os jornais da imprensa hegemônica. O foco da imprensa negra, segundo o autor, concentrava-se na formulação de debates sobre as desigualdades raciais e nas reivindicações sociais, assumindo um papel mais opinativo e político do que meramente informativo.

A fundação de *O Homem de Cor*, em 1833, no Rio de Janeiro, por Paula Brito, marca a institucionalização dessa tradição. O título do periódico já revela a centralidade da identidade racial no processo de enunciação: é a cor que define o sujeito que fala e a quem se dirige. Na sequência histórica, jornais como *O Progresso*, *A Pátria*, *Clarim da Alvorada* e *A Voz da Raça* contribuíram para formar redes discursivas fundamentais à construção de um pensamento político negro, promovendo alfabetização política, laços comunitários e consciência racial (Cardoso, 2025).

Isso comprova a preocupação tangente do jornal de trazer a questão racial para discussão e reflexão dos seus leitores. Além disso, traz, por meio de uma representação literária, um fato histórico que marcou a luta do povo negro pela garantia de seus direitos e pelo fim de sua submissão a um regime de exclusão. (Silva; Nascimento, 2011, p. 13)

Essas experiências estiveram desde o início profundamente articuladas às organizações negras, como irmandades religiosas, clubes sociais, sociedades abolicionistas e, mais tarde, coletivos culturais e movimentos periféricos. A imprensa negra, nesse sentido, foi extensão discursiva da auto-organização negra, funcionando como espaço de denúncia e construção de memória coletiva.

No Maranhão, embora a literatura especializada ainda seja escassa, merece destaque a atuação do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), fundado em São Luís, em 1979. O CCN não se constituiu apenas como uma entidade de resistência cultural e política, mas também como um importante organismo de articulação comunitária e formação crítica. Há registros de uma prática comunicacional que promovia formas autônomas de expressão, como boletins e publicações em veículos de diferentes regiões do país, abordando temas como racismo estrutural, identidade negra, ancestralidade e direitos civis (Leite, 1987).

Ainda que o centro não tenha mantido uma imprensa formal de circulação periódica, sua atuação abre espaço para aprofundar investigações sobre o jornalismo negro no Maranhão. O fato de uma organização com perspectiva racializada ter sido fundada já em 1979 indica que existe um campo fecundo, ainda pouco explorado, para compreender como se davam os processos comunicacionais articulados por esse movimento no Maranhão. Se, por um lado, há poucos registros de publicações e ações de mídia alternativa, por outro, persiste a curiosidade de examinar como eram comunicados os eventos promovidos, as rodas de conversa, oficinas, ciclos formativos e outras práticas pedagógicas que até hoje são realizadas pelo CCN.

Parte dessa memória está preservada na Biblioteca Comunitária Maria Firmina dos Reis, vinculada ao próprio CCN, onde é possível acessar documentos, boletins e materiais audiovisuais que registram sua trajetória. Essa preservação reafirma o centro não apenas como agente político, mas também como guardião de uma pedagogia de matriz afro-brasileira, comprometida com a ancestralidade e com a produção de conhecimento a partir das margens. Assim, a atuação do CCN também evidencia como os movimentos negros desempenham um papel decisivo na construção de uma comunicação comprometida com os saberes periféricos e na constituição de espaços contra-hegemônicos de enunciação e aprendizagem.

No cenário contemporâneo, a nível nacional, veículos como Alma Preta Jornalismo; Notícia Preta; Agência Mural; Nós, Mulheres da Periferia; Periferia em Movimento; e o podcast Angu de Grilo; atualizam e ampliam a tradição de uma comunicação negra historicamente comprometida com a denúncia das opressões estruturais e com a reconfiguração dos modos de narrar a realidade. Trata-se de plataformas criadas e geridas por profissionais negros, que rejeitam a noção de neutralidade como princípio jornalístico universal e assumem a subjetividade como fundamento ético e político de suas práticas comunicacionais. Ao romperem com os filtros narrativos da branquitude, essas iniciativas constroem epistemologias informativas ancoradas na experiência vivida, no pertencimento comunitário e nas lutas por representação.

Em um breve compilado de informações sobre os veículos acima citados, podemos analisar cada um individualmente: Alma Preta Jornalismo, fundado em 2015, é uma agência de jornalismo independente especializada na produção de conteúdo sobre a população negra. Seu foco está nas violações de direitos, nas narrativas de resistência e na valorização das culturas afro-brasileiras (Alma Preta, 2025); Notícia Preta, criado em 2018, também opera como uma plataforma de jornalismo negro e antirracista, oferecendo reportagens e análises voltadas às questões raciais no Brasil (Notícia Preta, 2025); a Agência Mural, com atuação nas periferias da Grande São Paulo, destaca-se por um modelo de jornalismo local e colaborativo, com foco no cotidiano das quebradas (Agência Mural, 2025); o coletivo Nós, Mulheres da Periferia, composto por comunicadoras negras e periféricas, desenvolve projetos jornalísticos e educativos que abordam as intersecções entre gênero, raça e território (Nós, Mulheres da Periferia, 2025); Periferia em Movimento, criado em 2009, atua em regiões do extremo sul de São Paulo, articulando comunicação popular e formação cidadã (Periferia em Movimento, 2025); já o podcast *Angu de Grilo*, lançado por Flávia Oliveira e Isabela Reis, mãe e filha jornalistas, constrói uma escuta jornalística afetiva e crítica sobre política, cultura e cotidiano a partir de um olhar negro e intergeracional (Angu de Grilo, 2025).

Essas experiências demonstram como a comunicação negra no Brasil, longe de ser homogênea, é composta por iniciativas que articulam territorialidade, memória, identidade e insurgência discursiva, reivindicando o direito de narrar a própria história a partir de lugares historicamente marginalizados. Percebe-se assim, que existe um movimento crescente de jornalismo que é pautado por subjetividades e escrevivências.

Essa lógica comunicacional se conecta ao argumento de Grada Kilomba (2019), que afirma que toda enunciação parte de um lugar e que o lugar branco, quando não nomeado, opera como padrão. O jornalismo negro desestabiliza esse regime de enunciação, ao tornar visível a subjetividade negra e suas memórias, deslocando os regimes de verdade que sustentam a autoridade do jornalismo hegemônico.

Estudar o jornalismo negro é, portanto, uma forma de disputar legitimidade enquanto campo de saber e prática comunicacional que subverte padrões. Aila Cardoso (2025), em sua pesquisa, argumenta que o jornalismo negro deve ser compreendido como um modo próprio de fazer jornalismo, historicamente articulado aos movimentos negros no Brasil. A autora parte da análise de jornais produzidos por, para e sobre a população negra para afirmar que esse jornalismo possui linguagens, temas e estratégias discursivas específicas, que desafiam os modelos hegemônicos da institucionalidade jornalística.

Nesse sentido, até mesmo a escolha pela terminologia “jornalismo negro”, em vez de “imprensa negra” ou “mídia negra”, configura um posicionamento político. Cardoso (2025, p.17) defende que o uso do termo “jornalismo” resgata a dimensão técnica, histórica e ética dessas práticas, reconhecendo-as como parte integrante, embora frequentemente marginalizada, da constituição do campo da comunicação no Brasil. Já a terminologia “imprensa negra” tende a restringir a análise a formatos impressos, enquanto a noção de “mídia negra” pode diluir o engajamento político-comunitário dessas experiências. Assim, concordo que nomear como “jornalismo negro” é também um gesto de valorização de saberes e práticas comunicacionais negras.

Entende-se, assim, que o jornalismo negro brasileiro constitui um campo de produção de conhecimento com fundamentos próprios, ancorado em experiências coletivas e trajetórias de resistência. Ele reorganiza o lugar da narrativa, deslocando o olhar jornalístico para a centralidade dos sujeitos negros enquanto produtores de linguagem, memória e história. Mais do que uma alternativa ao jornalismo hegemônico, o jornalismo negro é um projeto comunicacional insurgente, enraizado na ancestralidade e nas disputas simbólicas por reconhecimento e transformação social.

3.2 Como os Estudos Culturais ajudam a pensar o jornalismo negro

A incorporação dos Estudos Culturais como referencial teórico para essa monografia permite compreender o jornalismo negro não apenas como um modelo alternativo de produção de conteúdo, mas como uma prática cultural marcada por disputas de sentido, posições sociais e modos específicos de enunciação. Ao deslocar o foco da comunicação como transmissão para a comunicação como construção simbólica, os Estudos Culturais oferecem ferramentas analíticas para pensar o jornalismo como espaço em que se articulam discursos, identidades e relações de poder.

Stuart Hall (2006), autor central na consolidação desse campo, argumenta que a cultura deve ser analisada como um terreno de lutas simbólicas, onde significados são constantemente produzidos, negociados e reconfigurados. A mídia, nesse processo, não ocupa uma posição neutra ou desinteressada. Ao contrário, ela participa ativamente da produção de representações e contribui para a naturalização de determinadas visões de mundo. O jornalismo, nesse enquadramento, não apenas relata acontecimentos, mas contribui para a construção do real por meio de escolhas editoriais, critérios de noticiabilidade e regimes de visibilidade.

A partir das contribuições dos Estudos Culturais, é possível compreender que todo discurso jornalístico é produzido a partir de determinadas referências sociais, políticas e culturais, ainda que essas referências nem sempre sejam explicitadas. O jornalismo praticado nos grandes centros urbanos, majoritariamente por profissionais brancos, homens e oriundos das classes médias, tende a ser tratado como neutro ou imparcial, quando, na verdade, está ancorado em uma visão específica de mundo. Essa perspectiva, por se apresentar como universal, acaba naturalizando determinados valores e apagando outras formas de interpretar a realidade. O jornalismo negro, ao contrário, não oculta o lugar de onde fala. Assume suas referências, seus vínculos com o território, com a experiência vivida e com as memórias coletivas como parte constitutiva da narrativa. Essa explicitação não enfraquece o discurso, mas contribui para torná-lo mais coerente com as realidades que busca representar. Ao fazer isso, o jornalismo negro questiona os critérios historicamente utilizados para definir o que é legítimo no campo da comunicação e propõe novas formas de pensar a produção e a circulação da informação.

Essa abordagem se aproxima também das reflexões de Muniz Sodré (2017), ao tratar da comunicação enraizada nas práticas sociais e nas relações comunitárias. Ao enfatizar a oralidade, o vínculo e a memória como elementos estruturantes da comunicação, Sodré contribui para uma leitura da prática jornalística que valoriza os modos de saber e dizer historicamente marginalizados. O jornalismo negro, ao incorporar tais dimensões, opera deslocamentos formais e epistemológicos que vão além da pauta. A linguagem, os formatos e os modos de interlocução são redefinidos de modo a estabelecer outras formas de diálogo e produção de sentido.

Nesse cenário, os Estudos Culturais oferecem um instrumental teórico que permite compreender o jornalismo negro como prática de enunciação que desloca a centralidade hegemônica, tensiona as formas de produção do discurso jornalístico e reorganiza os lugares de fala dentro do espaço midiático. O jornalismo deixa de ser visto como campo homogêneo, para ser reconhecido como espaço de disputa, em que diferentes projetos comunicacionais convivem, tensionam-se e, muitas vezes, se excluem. Ao incorporar a experiência, a memória e a escuta como parte do processo narrativo, o jornalismo negro contribui para a ampliação das possibilidades de representação e, com isso, reconfigura os limites do que é reconhecido como produção jornalística legítima.

3.2.1 Identidade cultural na comunicação

Nos Estudos Culturais, a identidade cultural é entendida como resultado de processos históricos e discursivos, em constante transformação e produzida nas relações sociais. Stuart Hall (2006) afirma que as identidades são pontos de identificação temporários, produzidos dentro das intersecções da linguagem, da história e da cultura. Isso implica dizer que não há uma identidade negra fixa, homogênea ou anterior à linguagem. O que há são experiências diversas de negritude que se constituem no embate com as estruturas discursivas que tentam apagá-las ou distorcê-las.

Nesse contexto, o jornalismo negro é mais do que um espaço de visibilidade, é um território de disputa simbólica pela própria constituição dos sujeitos. Ele permite que indivíduos e coletivos historicamente interditados ao discurso público possam narrar a si mesmos, não a partir dos olhos do outro, mas da própria enunciação. Trata-se de um gesto político, e até poético, no qual a identidade é performada e reafirmada.

A identidade negra comunicada por veículos ditos como próprios do jornalismo negro não é estática nem essencialista, ela é múltipla, fragmentada, por vezes divergentes entre si, mas sempre insurgente em relação a mídia hegemônica. É atravessada pela dor do racismo, mas também pela cultura ancestral. É, como diz Conceição Evaristo (2010),⁶ “Apesar das acontecências do banzo, há de nos restar a crença na precisão de viver e a sapiente leitura das entre-falhas da linha-vida”, o que simboliza uma identidade que carrega consigo a história de um povo e os desejos de um futuro diferente.

Nesse sentido, o jornalismo negro atua como tecnologia de identidade. Ele produz sentidos de pertencimento, articula comunidades, e forja novos imaginários coletivos. Ao falar de si, o sujeito negro fala com outros sujeitos negros e, nesse diálogo, constrói uma comunidade de afetos, de luta e de reconhecimento mútuo. Trata-se de uma prática comunicacional que não apenas representa, mas cria laços de identificação.

Além disso, ao colocar o corpo negro no centro da narrativa, o jornalismo negro desafia os regimes de visibilidade que historicamente vincularam a imagem negra à marginalidade, à violência ou à ausência. Ele representa novos corpos, novas estéticas e novas epistemologias na cena midiática, deslocando o olhar dominante e afirmando outras formas de existência.

⁶ Trecho do poema “Apesar das acontecências do banzo”, de Conceição Evaristo, publicado no site do Geledés – Instituto da Mulher Negra, em 2010. O termo banzo refere-se à profunda melancolia vivida por pessoas negras escravizadas, especialmente no contexto da diáspora africana, expressando saudade da terra natal, sentimento de exílio e dor existencial causada pelo deslocamento forçado e pela opressão racial.

Nos movimentos negros, é comum buscar perspectivas que resgatem nossa ancestralidade e memória, portanto, compreendo que é necessário os jornais negros atuais refletam sobre a história do Jornalismo Negro e reconstruam essas formas e saberes, a fim de produzir um jornalismo que seja realmente por/para/sobre a população negra e que a retrate de forma abrangente, sem recorrer aos mesmos estereótipos que tanto nos enquadram. (Cardoso, 2025, p.145)

Como observado na citação acima, essa retomada da história do jornalismo negro não é apenas uma operação de resgate memorialista, mas uma prática que visa reconstruir metodologias de representação comprometidas com a complexidade das experiências negras no Brasil. Esse esforço se insere nas disputas mais amplas que atravessam os Estudos Culturais, especialmente no que diz respeito à produção de identidades em contextos de desigualdade estrutural. Ao se apropriar da linguagem jornalística para narrar o cotidiano a partir de outros marcos de referência, os veículos negros não apenas desafiam as imagens cristalizadas da população negra, mas intervêm nos processos de significação que sustentam essas imagens.

Nesse sentido, é possível afirmar que o jornalismo negro atua como campo de elaboração identitária em constante negociação. Como pontua Hall (2006), as identidades culturais não são entidades fixas, mas posições ocupadas em campos de discurso. Elas se organizam a partir de práticas que operam tanto pela diferença quanto pela semelhança, articulando pertencimentos múltiplos. Ao narrar o território, a oralidade, o cotidiano e os conflitos que atravessam os sujeitos negros, esses projetos midiáticos não apenas reivindicam representação, mas formulam discursos sobre o que significa ser negro no Brasil contemporâneo.

Esses sentidos, por sua vez, não são homogêneos ou consensuais. A identidade negra comunicada pelos veículos do jornalismo negro é tensionada por gênero, classe, religião, geração, sexualidade e região. A interseccionalidade, ainda que nem sempre nomeada, aparece como elemento constitutivo das narrativas, evidenciando que a produção da identidade é atravessada por múltiplas camadas de diferenciação. Ao assumir essas complexidades, o jornalismo negro amplia as possibilidades de enunciação e contribui para a construção de uma esfera pública mais plural.

Além disso, ao inserir novos sujeitos no campo da comunicação, o jornalismo negro opera uma reconfiguração na própria ideia de público. Não se trata apenas de falar sobre a população negra, mas de estabelecer um diálogo com ela, reconhecendo suas demandas, seus repertórios e seus modos de leitura. Essa lógica participativa desloca a verticalidade tradicional

da comunicação jornalística e propõe uma escrita ativa, na qual o receptor também é produtor de sentido.

Em diálogo com os Estudos Culturais, é possível afirmar que o jornalismo negro, ao mobilizar narrativas construídas a partir de contextos sociais específicos de raça, contribui para a construção de identidades culturais que resistem à homogeneização midiática e às lógicas de invisibilização. Trata-se de uma prática que, ao mesmo tempo em que informa, elabora e politiza, promovendo pertencimento, reconstrução da memória e abertura para futuros possíveis na comunicação.

3.3 Reconfiguração dos fundamentos da prática jornalística a partir do Jornalismo Negro

No sentido de pensar futuros possíveis na comunicação, estabelece-se como hipótese visualizar novos referenciais teóricos para além da imparcialidade, ao passo que considerar o jornalismo negro apenas como uma reação ao silenciamento histórico da imparcialidade é reduzi-lo. Ele é, antes de tudo, uma proposta ativa de outro fazer jornalístico, comprometido não com a verdade objetiva que apaga sujeitos, mas com uma ética da presença, da escuta, do pertencimento, da escrevivência. Toda comunicação é também uma potencial prática educativa; e o jornalismo negro educa, forma e emancipa, ao mesmo tempo em que informa.

Essa dimensão pedagógica se materializa em múltiplas frentes, na recuperação da história afro-brasileira, na problematização dos estereótipos midiáticos, na valorização dos saberes ancestrais e na construção de redes de acolhimento. Os coletivos e veículos negros contemporâneos não apenas noticiam, mas também criam espaços de formação política, oficinas de jornalismo comunitário, projetos de letramento racial e ações de fortalecimento da autoestima negra.

Como observa bell hooks (2018), a pedagogia do oprimido deve ser também uma pedagogia do amor, e essa pedagogia amorosa se expressa no cuidado com a linguagem, no compromisso com a escuta, na recusa à espetacularização da dor negra e na valorização das subjetividades múltiplas que atravessam a negritude. É um jornalismo que se propõe a ensinar, mas também a aprender, pois parte do pressuposto de que todo sujeito é portador de saber.

Mais do que uma estratégia de afirmação política e cultural, o jornalismo negro também propõe uma revisão crítica dos referenciais teóricos que sustentam o campo jornalístico. Ao incorporar perspectivas como a escrevivência, essa prática sugere uma ampliação dos marcos

epistemológicos da comunicação, valorizando narrativas ancoradas na experiência, na memória e na subjetividade como formas legítimas de produzir conhecimento.

Longe de relativizar a importância da verdade, essa abordagem reconceitua o próprio compromisso jornalístico, deslocando-o da pretensa neutralidade para uma ética socialmente implicada. Pensar o jornalismo a partir dessas bases não significa ceder ao enviesamento nem abrir espaço para desinformação, mas, ao contrário, estabelecer critérios mais amplos e contextualizados para compreender a realidade. O jornalismo negro, nesse sentido, não nega os princípios da verificação ou da responsabilidade jornalística, mas os reinscreve em uma lógica de escuta, diálogo e justiça. Trata-se, portanto, de afirmar outras possibilidades de narrar o mundo, com rigor, coerência e consciência histórica, sem renunciar à crítica nem à complexidade. A escrevivência, nesse contexto, funciona como metodologia, linguagem e teoria, uma possibilidade interpretativa que permite enxergar a comunicação não apenas como representação, mas como intervenção.

4 ANÁLISE DA RÁDIO E TV QUILOMBO

O presente capítulo dedica-se à análise da atuação da Rádio e TV Quilombo como um lócus de produção de narrativas negras e quilombolas no campo jornalístico. Trata-se de uma experiência comunicacional situada no território do Quilombo Rampa, em Vargem Grande, Maranhão, cujas práticas tensionam os fundamentos tradicionais da mídia hegemônica e mobilizam uma estética que parte da necessidade de ressaltar ancestralidade, pertencimento e coletividade.

A escolha deste objeto empírico documental parte do reconhecimento da Rádio e TV Quilombo como uma iniciativa que exemplifica os fundamentos teóricos discutidos ao longo desta pesquisa: a subjetividade como elemento estruturante do discurso, a escrevivência como fundamento epistemológico e a comunicação negra como prática insurgente. Este capítulo, portanto, busca demonstrar como os referenciais teóricos explorados nesta monografia se manifestam e se materializam em práticas jornalísticas numa experiência de comunicação popular negra no Maranhão contemporâneo.

Fundada em 2017 pelos quilombolas William Cardoso e Raimundo José (Raimundo Quilombo), a Rádio e TV Quilombo surgiu da necessidade de criar um canal direto de comunicação entre as comunidades quilombolas da região e de documentar suas pautas e saberes a partir de uma perspectiva autônoma. O projeto se insere no contexto mais amplo das mídias negras contemporâneas, atuando não apenas como ferramentas de denúncia e resistência, mas também como dispositivos de reconstrução simbólica, política e cultural dos sujeitos negro-africanos na diáspora. Seu compromisso com a coletividade se expressa tanto no conteúdo das produções quanto na forma de produção e circulação das mensagens, utilizando plataformas digitais como YouTube, Instagram e Facebook para driblar os limites impostos pelas ausências de políticas públicas voltadas à democratização da mídia e seus acessos em regiões periféricas.

A proposta de análise aqui desenvolvida fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo. Conforme delineado por Poupart (2008), esse tipo de abordagem busca apreender os sentidos presentes nas práticas sociais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos. No caso desta pesquisa, optou-se pela observação sistemática de materiais audiovisuais produzidos e publicados pela Rádio e TV Quilombo, reunindo reportagens, entrevistas, registros de eventos, coberturas culturais e falas institucionais. A seleção dos

conteúdos considerou sua relevância temática, a presença de elementos discursivos relacionados à oralidade, à memória e à identidade, e a diversidade de sujeitos enunciadores.

Além disso, para elaboração da análise, um dos fundadores, Raimundo Quilombo, formado em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão e mestrando em Estudos Africanos e Afro-brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão, foi entrevistado a fim de interpretar também as próprias percepções de quem faz parte do projeto.

A partir da análise documental e da interpretação da entrevista concedida por Raimundo Quilombo, serão examinadas, ao longo do capítulo, as formas pelas quais a Rádio e TV Quilombo incorpora os saberes ancestrais em sua prática comunicacional, valendo-se da oralidade como tecnologia de transmissão da memória e da subjetividade como eixo central do processo de enunciação. Busca-se, assim, compreender como se configura um jornalismo que se funda não no apagamento dos sujeitos, mas na presença da comunidade que vive e resiste em território quilombola.

A análise orienta-se, portanto, pela observação de aspectos narrativos e estéticos mobilizados na comunicação produzida, considerando os vínculos entre linguagem, território, raça e ancestralidade. Nesse sentido, a abordagem qualitativa interpretativa permite reconhecer a Rádio e TV Quilombo como um espaço de elaboração simbólica da realidade vivida pelos povos quilombolas e como território de disputas por visibilidade, pertencimento e direito à narrativa.

Ao longo do capítulo, serão examinadas as formas pelas quais a Rádio e TV Quilombo incorpora saberes ancestrais em sua prática comunicacional, valendo-se da oralidade como tecnologia de transmissão da memória e da subjetividade como parte do processo de enunciação. Busca-se, assim, compreender como se configura uma comunicação que se funda não no apagamento dos sujeitos, mas na presença ativa da comunidade que vive e resiste em território quilombola.

Assim, a análise da Rádio e TV Quilombo permite observar como o jornalismo pode ser apropriado por sujeitos historicamente silenciados como ferramenta de denúncia, mas também de criação de sentido, de pertencimento e de inovação.

4.1 Justificativa da escolha do objeto

A escolha da Rádio e TV Quilombo como objeto desta pesquisa se fundamenta no seu caráter singular enquanto veículo de comunicação criado e gerido por pessoas quilombolas,

com o propósito de atender às necessidades informativas, culturais e políticas da própria comunidade. Localizada no território do Quilombo Rampa, em Vargem Grande, Maranhão, a iniciativa parte de uma perspectiva comunicacional ancorada no território e na ancestralidade, funcionando como ferramenta de resistência, fortalecimento identitário e construção de sentidos coletivos.

A relevância do objeto também se evidencia na possibilidade de examinar empiricamente como quilombos contemporâneos articulam estratégias de visibilidade e mobilização frente às estruturas de silenciamento impostas à população negra. Nesse sentido, o projeto conecta-se ao conceito de quilombismo formulado por Abdias Nascimento (1980), que compreende o quilombo como uma filosofia política em continuidade, marcada por princípios de solidariedade, autonomia, coletividade e resistência cultural. O jornalismo praticado pela Rádio e TV Quilombo, nesse horizonte, vai além da função informativa, atuando como prática de valorização ancestral, como é pontuado pelo próprio Raimundo Quilombo na entrevista que embasa esta análise.

Outro aspecto que sustenta a escolha é o protagonismo da oralidade na prática comunicacional do veículo. Tanto no conteúdo difundido quanto na sua autodefinição institucional, percebe-se a valorização da fala como tecnologia de conhecimento, escuta e narrativa. O uso de formatos sonoros e audiovisuais, com transmissões ao vivo, entrevistas, reportagens e registros culturais, amplia o alcance comunicacional e favorece a acessibilidade, especialmente entre públicos que têm na escuta seu principal modo de recepção, e não necessariamente na escrita. Essa dimensão pode ser observada diretamente nas plataformas digitais da Rádio e TV Quilombo. O site institucional (www.tvquilombo.com) apresenta seções que detalham a missão do projeto, os pilares editoriais e os objetivos da iniciativa, com ênfase em comunicação popular, valorização da cultura afro-brasileira e articulação política em defesa dos territórios quilombolas. O conteúdo ali disponibilizado reflete uma curadoria voltada à memória, à educação antirracista e à promoção de narrativas contra-hegemônicas.

Nas redes sociais, os dados públicos ajudam a delinear o perfil de público e o engajamento da audiência. No YouTube, o canal oficial contabiliza mais de 9 mil inscritos e soma mais de 210 mil visualizações em 344 de vídeos⁷ que incluem coberturas de eventos, entrevistas com lideranças, manifestações culturais e debates comunitários. A média de visualizações varia entre 600 por vídeo, com destaque para transmissões ao vivo que

⁷ Dados públicos extraídos do YouTube em 25/07/2025.

concentram maior número de interações, sugerindo uma audiência localizada, mas participativa.

No Instagram, o perfil @radioetvquilombo conta com cerca de 41,8 mil seguidores⁸. A conta é ativa com postagens frequentes e níveis médios de engajamento, com curtidas e comentários que indicam envolvimento direto da comunidade e alcance regional. Os conteúdos variam entre registros de eventos, convite para ações pedagógicas, bastidores das gravações, artes institucionais e comunicados públicos. A presença digital nas duas plataformas revela uma estratégia de comunicação que privilegia a escuta e o diálogo comunitário, reforçando o vínculo com o território e com as bases quilombolas.

Além disso, a Rádio e Tv Quilombo também transmite os conteúdos na rádio comunitária Quilombo FM, em 105,9 MHz na área do Quilombo Rampa, além de transmissão on-line no site tvquilombo.com.br. Existe também o podcast Tv Quilombo no SoundCloud e o podcast a Hora do Mói no Spotify.

A escolha deste objeto também carrega implicações geopolíticas e afetivas. Como pesquisadora nascida e formada no Maranhão, reconheço que essa decisão não é apenas metodológica, mas também considero uma prioridade analisar uma iniciativa que comunica o Maranhão a partir de dentro, não como exceção ou exotismo, mas como território vivo de produção de saberes.

Por fim, a complexidade organizacional da Rádio e TV Quilombo, que envolve definições editoriais, estrutura de equipe, formas de financiamento e sustentabilidade, será aprofundada ao longo do capítulo com base na análise documental e na entrevista com um de seus idealizadores. Esses dados permitirão compreender como a atuação do veículo se articula com os fundamentos teóricos discutidos nesta monografia.

Estudar a Rádio e TV Quilombo, portanto, é mais do que observar um meio classificado como “alternativo”. É investigar uma proposta política e cultural que disputa narrativas, reconfigura modos de produção jornalística e afirma uma estética comunicacional negra, territorializada e coletiva.

4.2 Metodologia aplicada

A investigação aqui desenvolvida adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, orientada pela análise documental das práticas comunicacionais da Rádio e TV

⁸ Número de seguidores consultado diretamente no Instagram no dia 25/07/2025.

Quilombo e pela consideração dos vínculos entre linguagem, território, ancestralidade e raça. A análise documental foi utilizada como estratégia para acessar os significados produzidos nas enunciações midiáticas do veículo, valorizando não apenas os conteúdos informativos, mas também suas dimensões simbólicas, estéticas e políticas (Cellard, 2008).

A construção do corpus teve como foco central materiais audiovisuais publicados entre 2021 e 2024 no canal oficial da Rádio e TV Quilombo no YouTube. Optou-se por priorizar os vídeos disponíveis nessa plataforma por se tratarem de peças comunicacionais que articulam simultaneamente elementos visuais, sonoros e discursivos. Essa escolha se justifica pela centralidade do audiovisual na estratégia comunicacional da Rádio e TV Quilombo e pela sua densidade semiótica, que permite captar nuances importantes na construção das narrativas, indo além do texto escrito. Cabe enfatizar, ainda, que a noção de escrevivência, tal como formulada por Conceição Evaristo, pode ser expandida para outras linguagens que, mesmo não sendo verbais, produzem sentidos a partir da experiência e da memória. Nesse contexto, é pertinente recorrer ao conceito de (foto)escrevivência desenvolvido por Vilma Neres Bispo (2016), que reconhece na imagem fotográfica e, por extensão, em outros dispositivos visuais e audiovisuais, uma forma legítima de expressão subjetiva e de elaboração de memória social. A autora propõe que a escrita com a luz, como ela denomina a fotografia, constitui um gesto político de autorrepresentação e resistência, especialmente quando operado por sujeitos negros que subvertem os regimes tradicionais de visibilidade (Bispo, 2016). Assim, a seleção de materiais audiovisuais como objeto empírico desta pesquisa também é informada por essa compreensão ampliada de escrevivência, que reconhece no audiovisual um território fecundo de enunciação de memórias, identidades e modos de existência quilombolas.

A seleção foi orientada por critérios que conjugam relevância temática, centralidade de aspectos ligados à oralidade, memória, subjetividade e ancestralidade, além da boa qualidade técnica das produções, o que possibilita uma análise mais precisa dos recursos mobilizados. Foram selecionados cinco vídeos que, na análise preliminar, apresentaram expressivamente os elementos teóricos discutidos nesta pesquisa. A escolha desses materiais partiu do entendimento de que eles condensam, de modo exemplar, as estratégias de produção de sentido, os vínculos comunitários e os repertórios culturais ativados pela Rádio e TV Quilombo.

Esses conteúdos foram considerados representativos por abordarem diferentes dimensões da atuação do veículo: a denúncia social, o registro de eventos culturais e religiosos, o protagonismo juvenil, a valorização de figuras anciãs e a articulação entre cotidiano e memória. São materiais que evidenciam a diversidade de temas explorados pelo projeto, e que,

ao mesmo tempo, revelam continuidades estilísticas e políticas que caracterizam sua proposta editorial.

Além da análise documental, a pesquisa foi enriquecida pela realização de entrevista com Raimundo Quilombo, idealizador do projeto. A partir de sua fala, tornou-se possível compreender melhor os fundamentos ideológicos, os objetivos políticos e os sentidos atribuídos à comunicação no contexto quilombola. Raimundo destaca que a Rádio e TV Quilombo nasce como resposta à ausência de narrativas sobre os quilombos produzidas a partir de dentro, e que o compromisso do veículo é fazer com que o quilombo fale por ele mesmo.

O corpus, portanto, não foi escolhido de forma aleatória ou estatística, mas construído como parte de um percurso metodológico que reconhece o valor da experiência, da escuta e da presença no território como elementos constitutivos da pesquisa em comunicação. A interpretação dos materiais parte de três eixos analíticos, fundamentados nos referenciais apresentados nos capítulos anteriores: o primeiro refere-se à subjetividade, entendida como elemento constitutivo da prática jornalística, a partir da presença de comunicadores que enunciaram a partir de seus próprios lugares sociais. O segundo eixo é a escrevivência, conceito de Conceição Evaristo que permite pensar a fusão entre experiência de vida e construção narrativa como forma legítima de produção de conhecimento. O terceiro eixo é a identidade cultural, que se anora nos Estudos Culturais, e é observada nas expressões simbólicas e comunicacionais que articulam ancestralidade, oralidade e território como matrizes estruturantes do discurso jornalístico praticado pela Rádio e TV Quilombo.

Esses eixos analíticos operam como lentes teórico-metodológicas para a leitura dos materiais, permitindo identificar como o jornalismo ali praticado se contrapõe aos parâmetros hegemônicos de neutralidade e objetividade. Foram observadas, por exemplo, a recorrência de narrativas em primeira pessoa, a valorização das experiências coletivas, o uso da linguagem oral como principal forma de transmissão de informações e a centralidade da corporeidade e da performance na construção das reportagens. A opção pelo formato audiovisual e sonoro, também revela uma estratégia de acessibilidade, que amplia o alcance das mensagens entre sujeitos não alfabetizados.

Assim, a metodologia aplicada busca compreender não apenas os conteúdos informativos, mas também os sentidos produzidos pelas práticas comunicacionais da Rádio e TV Quilombo, reconhecendo seu papel na produção de um jornalismo negro que valoriza o local onde se insere.

4.3 Subjetividade, escrevivência e identidade cultural nas práticas comunicacionais da Rádio e TV Quilombo

Segundo a entrevista concedida por Raimundo Quilombo, idealizador da Rádio e TV Quilombo, a iniciativa não é identificada como um veículo de jornalismo tradicional, mas sim como uma prática de comunicação ancestral. Na entrevista, o comunicador reflete criticamente sobre o reconhecimento da Rádio e TV Quilombo como um projeto jornalístico, argumentando que essa definição depende de como o jornalismo é concebido socialmente. Ele problematiza a ideia de que o exercício do jornalismo está necessariamente vinculado à formação universitária, destacando que tal exigência desconsidera os contextos de desigualdade no acesso à educação superior, especialmente em territórios periféricos e quilombolas.

A experiência da Rádio e TV Quilombo, nesse sentido, aproxima-se do que se denomina comunicação popular e ancestral, enraizada na prática cotidiana da comunidade e orientada pelo compromisso com a luta social, a denúncia do racismo e a afirmação de direitos. Ao reivindicar a legitimidade de sua atuação como comunicador, mesmo fora dos parâmetros tradicionais do campo jornalístico, Raimundo afirma:

é um grande projeto de comunicação ancestral, de comunicação popular, de comunicação que a gente fala de dentro pra dentro. Que é conseguir sedimentar isso tudo juntamente com a necessidade, a honra de poder também estar falando do nosso próprio território, na nossa própria linguagem, do nosso próprio jeito. Sem se preocupar com o que o outro vai falar ou sem seguir os padrões tidos como normais, que pregam a mídia tradicional e hegemônica no Brasil. (Quilombo, 2025).⁹

Ele argumenta ainda que exigir formação acadêmica como critério exclusivo para reconhecer alguém como jornalista só faria sentido se a universidade fosse amplamente acessível e equitativa. Embora reconheça a importância da formação acadêmica e não desqualifique seu papel, ressalta que esse não pode ser o único parâmetro de legitimidade. Para ele, a comunicação exercida a partir das vivências e necessidades das comunidades também deve ser reconhecida como uma prática jornalística legítima, ainda que não passe pelos trâmites institucionais da academia. Nesse sentido, questiona: “Por que não se reconhecer como jornalista mesmo sem ter cursado uma universidade?” (Quilombo, 2025).¹⁰

⁹ Entrevista de pesquisa finalizada em 26/07/2025, na cidade de São Luís.

¹⁰ *Id.*

Sendo assim, a partir de minha análise, percebe-se que na Rádio e TV Quilombo, a subjetividade, a escrevivência e a identidade cultural constituem dimensões interdependentes que sustentam uma prática jornalística. A subjetividade, neste cenário, não é percebida como um entrave à credibilidade, mas como a própria base da enunciação. O sujeito comunicador não se apresenta como um observador neutro da realidade, mas como corpo implicado na luta, na ancestralidade e na coletividade que comunica. Fala a partir de um lugar marcado pelas experiências vividas, pelas memórias compartilhadas e pelas histórias do território quilombola.

Essa abordagem desloca o paradigma tradicional da objetividade jornalística e insere a enunciação em uma perspectiva diferente da maioria. Stuart Hall (2006) contribui para essa compreensão ao afirmar que toda representação é construída a partir de posições sociais e históricas específicas. Para o autor, não há representação neutra, e toda prática comunicacional está atravessada por relações de poder.

Ao se posicionar como sujeito de sua própria narrativa, o comunicador quilombola rompe com a lógica da imparcialidade universal e revela os limites de um modelo hegemônico de produção da notícia. Nesse processo, a Rádio e TV Quilombo se estrutura a partir de cinco pilares fundamentais, explicitados em seu próprio site institucional: experimentação, integração, transmissão, documentação e inovação. A experimentação orienta a abertura do estúdio à participação popular, permitindo que moradores da comunidade do Quilombo Rampa se envolvam diretamente na construção dos discursos e experimentem os modos de narrar desde seus próprios referenciais. A integração propõe o uso simultâneo de múltiplas plataformas, não apenas como estratégia de difusão, mas como forma de garantir a continuidade e a expansão dos repertórios culturais quilombolas nos circuitos digitais e presenciais, pensando também expandir o alcance para além do quilombo. A transmissão reafirma o papel da oralidade ao promover trocas intergeracionais em rodas de conversa, encontros e reuniões, preservando saberes ancestrais por meio do contato direto entre gerações. Já a documentação organiza e torna acessível o registro audiovisual das experiências coletivas por meio de grades temáticas que envolvem aspectos do cotidiano, da alimentação, dos fatos e das histórias das comunidades, como uma forma de preservação da memória. Por fim, a inovação se traduz tanto na apropriação de tecnologias acessíveis quanto na invenção de dispositivos improvisados e simbólicos, como o bambu-drone ou a câmera feita de papelão¹¹, que articulam práticas tecnológicas a saberes

¹¹ O bambu-drone é uma haste de bambu usada como suporte para celulares, permitindo simular imagens aéreas sem drone. A câmera de papelão é um suporte feito com caixas recicladas que estabiliza o aparelho e viabiliza as gravações. Ambas são estratégias criativas desenvolvidas pela equipe da Rádio e TV Quilombo diante da escassez de recursos técnicos.

ancestrais. Esses cinco eixos evidenciam que a Rádio e TV Quilombo não apenas comunica, mas elabora um modelo de comunicação autônomo, que desestabiliza a normatividade midiática dominante ao mesmo tempo que afirma outras epistemologias do jornalismo.

Esse deslocamento também é percebido na prática da escrevivência, que recusa a separação entre vida e linguagem, entre sujeito e discurso. No jornalismo da Rádio e TV Quilombo, a escrevivência se manifesta como gesto comunicacional que parte da experiência concreta e coletiva das comunidades negras, especificamente quilombolas. Ao narrar conflitos agrários, denunciar violações de direitos ou celebrar rituais tradicionais, os comunicadores da Rádio e TV Quilombo não operam como intermediários isentos, mas como sujeitos políticos que contam a história de seu próprio povo.

Reportagens produzidas pelo veículo revelam essa enunciação ancorada em falas que se sustentam na vivência dos sujeitos. A presença de lideranças comunitárias falando em primeira pessoa reforça a dimensão política da fala situada em um local de pertencimento. As festas religiosas, os rituais de cura e os encontros culturais, quando registrados pela Rádio e TV Quilombo, não são tratados como folclore, mas como arquivos vivos de resistência cultural quilombola.

Esse modelo de comunicação, como articula o quilombismo (Nascimento, 1980), se configura como território discursivo onde se reúnem vozes, saberes e projetos de futuro. O jornalismo, nesse contexto, se apresenta como uma comunicação que não apenas informa, mas também se torna espaço de elaboração da existência negra em sua pluralidade, e não apenas reação ao silenciamento imposto por narrativas hegemônicas. Como aponta Raimundo Quilombo na entrevista, o surgimento da Rádio e TV Quilombo é resultado de uma revolta de pessoas cansadas de ouvirem somente narrativas de dor do povo negro, queriam novas narrativas que também valorizassem a cultura e ancestralidade.

De acordo com os Estudos Culturais, a identidade é sempre relacional, histórica e marcada por disputas. Ela não é um dado essencial, mas um processo contínuo de reformulação. A Rádio e TV Quilombo participaativamente desse processo ao construir uma identidade coletiva pautada na valorização do território, da ancestralidade e dos saberes locais. Essa identidade se expressa nas escolhas editoriais, na linguagem utilizada, nas imagens veiculadas e na forma de se comunicar com o público. Ao afirmar essa identidade em suas produções, o veículo contribui para a formação de uma consciência coletiva e para a construção de um imaginário social em que os quilombolas se reconhecem como sujeitos plenos de direitos, histórias e visões de mundo. A comunicação, nesse caso, atua como ferramenta de

transformação social, reconfigurando os sentidos atribuídos à população negra e aos territórios que habita. O jornalismo deixa de operar com base em um suposto universalismo e passa a assumir sua condição de comprometimento com o coletivo de um grupo racializado.

Assim, a tríade subjetividade, escrevivência e identidade cultural estrutura, portanto, um fazer jornalístico que reivindica o direito à narrativa desde uma perspectiva própria. Não se trata de adaptar os moldes hegemônicos às experiências negras, mas de instaurar outras epistemologias comunicacionais. A Rádio e TV Quilombo não apenas ocupa um espaço na mídia, mas produz um modo de fazer que é, simultaneamente, estético, político, pedagógico e subversivo.

Para aprofundar a compreensão das práticas comunicacionais da Rádio e TV Quilombo, esta seção apresenta uma sistematização analítica dos materiais observados, com base nos três eixos interpretativos previamente definidos: subjetividade, escrevivência e identidade cultural. Para compor o corpus, foram selecionados cinco vídeos produzidos entre 2021 e 2025, publicados no YouTube, tendo como critérios de seleção: a presença explícita de quilombolas como sujeitos enunciadores; a centralidade do território e da memória nas narrativas; a diversidade temática; e a recorrência de estratégias discursivas alinhadas às noções de escrevivência, subjetividade e identidade cultural. A seleção priorizou também vídeos que apresentassem boa qualidade de imagem e som, de forma a possibilitar uma análise mais precisa dos recursos estéticos e técnicos mobilizados.

A análise documental dos materiais selecionados permitiu identificar marcas de pertencimento, estratégias de valorização da oralidade, usos intencionais da estética comunitária e modos de enunciação que deslocam os padrões dominantes do jornalismo tradicional. A seguir, será apresentado um quadro-síntese com os principais vídeos observados, contendo informações sobre o título, a data de publicação e a descrição do conteúdo, bem como os aspectos analíticos destacados em cada um. Esse exercício busca materializar, no plano empírico, os fundamentos teóricos discutidos ao longo da monografia.

Quadro 1 - Análise de materiais da Rádio e TV Quilombo

Título / Material	Data de publicação	Descrição	Elementos de análise	Interpretação crítica
1. <u>A nossa equipe foi até a comunidade quilombola do Belmonte entrevistar o ancião Bastião Sousa.</u>	26/12/2021	Entrevista com liderança quilombola.	Enunciação em primeira pessoa, memória familiar, narrativa afetiva.	Valorização da oralidade de pessoas idosas. Respeito pela ancestralidade. Conservação da memória.
2. <u>Quilombo São Cristóvão Viana-Ma. Festa do Divino Espírito Santo</u>	12/12/2023	Reportagem sobre festa religiosa tradicional com foco na espiritualidade e na coletividade.	Uso da oralidade coletiva, sons e cantos religiosos, presença dos mais velhos.	Performance ancestral como formas de resistência simbólica.
3. <u>DESCASO! ou a população se vira como pode ou fica sem ter acesso básico ao direito de ir e vir.</u>	17/1/2023	Reportagem com denúncias sobre falta de infraestrutura em territórios quilombolas.	Uso do corpo e da fala como denúncia; voz afetada; depoimentos diretos.	Jornalismo como escuta e ferramenta de enfrentamento político. Pauta local de interesse dos quilombolas.
4. <u>Final da 1º Copa Quilombola de Futebol em Presidente Vargas-MA.</u>	14/9/2022	Registro de atividade esportiva voltada para lazer dos quilombolas.	Envolvimento direto das comunidades; participação popular na construção do discurso.	Pauta autossuficiente, em que um torneio local se torna evento central de integração de povos.
5. <u>Troca de experiências de COMUNICAÇÃO ANCESTRAL no Quilombo Tanque da Rodagem/São João</u>	16/4/2024	Produção audiovisual com jovens narrando suas experiências de vida no quilombo e entrevistando pessoas da comunidade.	Narração autobiográfica, construção identitária, participação popular de diferentes idades e comunidades.	Escrevivência audiovisual: fusão entre vida e narrativa. “Comunicação ancestral em ação”.

Fonte: TV Quilombo. Disponível em: <https://www.tvquilombo.com.br/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

A análise dos vídeos selecionados permite evidenciar, de maneira concreta, como os conceitos de subjetividade, escrevivência e identidade cultural se materializam nas práticas jornalísticas da Rádio e TV Quilombo.

Figura 1 - TV Quilombo entrevistando Bastião Sousa, líder do Quilombo Belmonte



Fonte: Canal do YouTube TV Quilombo (2021)

O primeiro vídeo, no qual a equipe da emissora entrevista o ancião Bastião Sousa, na comunidade quilombola do Belmonte, expressa a centralidade da oralidade como tecnologia de transmissão de saberes. Ao registrar o depoimento de um sujeito idoso, a narrativa desloca o foco da notícia convencional para o reconhecimento da memória como patrimônio coletivo. A fala de Bastião não é apenas testemunho, mas um arquivo vivo da história quilombola, que entrelaça experiências familiares, modos de vida e resistência cotidiana. A escolha por escutar e documentar a palavra dos mais velhos sustenta-se em uma ética comunitária que valoriza a ancestralidade como fonte legítima de conhecimento. Nesse sentido, a gravação da entrevista atua como gesto de preservação da memória, reposicionando a figura do ancião não como personagem do passado, mas como guardião ativo de uma herança política e cultural. Ao centralizar a escuta do corpo ancestral, a prática comunicacional da Rádio e TV Quilombo representa uma forma de escrevivência, pois transforma a fala vivida em narrativa pública, fazendo da experiência o fundamento da linguagem (Evaristo, 2020). Essa escolha narrativa também evidencia uma concepção de subjetividade que não se esgota no indivíduo, mas que se constrói de modo relacional e coletivo, ancorada no pertencimento territorial e nas memórias

compartilhadas. Como destaca Stuart Hall (2006), a identidade cultural é construída na articulação entre história, linguagem e experiência. Assim, o vídeo opera como dispositivo de afirmação identitária, em que a enunciação do sujeito quilombola ressignifica os modos de ser e de existir de uma coletividade que reivindica visibilidade sem renunciar a sua cosmovisão.

Figura 2 - Festa do Divino Espírito Santo no Quilombo São Cristóvão



Fonte: Canal do You Tube TV Quilombo (2023)

No segundo vídeo listado no Quadro 1, a cobertura da Festa do Divino Espírito Santo, realizada no Quilombo São Cristóvão, em Viana, Maranhão, revela como a religiosidade popular e os rituais tradicionais são constitutivos da identidade coletiva quilombola. Ao registrar os cânticos, os cortejos, as falas das lideranças e a participação intergeracional, a TV Quilombo transforma o jornalismo em espaço de celebração. Esses eventos, operam como rituais de fortalecimento dos laços comunitários, de reafirmação da fé e de atualização de uma espiritualidade marcada pela oralidade e pelo pertencimento. A presença dos mais velhos, a musicalidade dos terreiros e a performance dos corpos em devoção atualizam sentidos compartilhados de coletividade, demonstrando que a cobertura jornalística, quando ancorada na escuta sensível e olhar atento, pode funcionar como documento de resistência cultural e arquivo das práticas vivas de um povo.

Nesse gesto narrativo, vê-se uma forma de escrevivência que transborda a escrita verbal e se manifesta naquilo que Evaristo (2020) comprehende como memória coletiva forjada nos corpos. A cobertura da festa, portanto, não apenas informa, mas reafirma modos de vida que,

ao longo da história, foram sistematicamente silenciados, operando como prática de afirmação identitária, ao ativar repertórios culturais que estruturam as representações de si e dos outros, conversando com o que aponta Stuart Hall (2006).

Figura 3 - Denúncia de dificuldades de acesso ao Quilombo Rampa



Fonte: Canal do You Tube TV Quilombo (2023)

O terceiro vídeo, intitulado “DESCASO! ou a população se vira como pode ou fica sem ter acesso básico ao direito de ir e vir”, apresenta uma denúncia sobre a ausência de infraestrutura básica nos territórios quilombolas. A reportagem, ancorada em depoimentos diretos dos moradores, mobiliza a subjetividade afetada como recurso de enunciação e força política. O uso da câmera e do microfone como ferramentas de escuta comunitária permite que o jornalismo se posicione como instrumento de enfrentamento das ausências históricas do Estado. Ao priorizar as vozes das pessoas afetadas, a TV Quilombo opera um deslocamento da centralidade narrativa, permitindo que os sujeitos populares sejam protagonistas do discurso. Esse jornalismo de denúncia é também uma pedagogia política: ele informa, forma e convoca, revelando que a prática comunicacional, quando orientada por uma ética da escuta e do pertencimento, pode amplificar lutas locais e gerar mobilizações concretas. No vídeo os próprios moradores tentam solucionar a falta de serviços públicos, demonstrando uma revolta antiga e “invisível” aos critérios de noticiabilidade de outros jornais.

Trata-se de uma prática que se aproxima da escrevivência, ao transformar vivências de negligência em denúncia pública, reposicionando experiências cotidianas silenciadas no centro do relato jornalístico. A subjetividade que emerge nesse contexto é coletiva e vinculada ao território, articulando-se a formas de identidade cultural que se constroem nas experiências compartilhadas de exclusão e de resistência. Ao dar visibilidade a uma revolta antiga, geralmente ignorada pelos critérios tradicionais de noticiabilidade, a comunicação, nesse caso, não se limita a relatar um fato, mas contribui para o fortalecimento de vínculos comunitários e para a produção de notícias a partir de outras centralidades.

Figura 4 - Cobertura da Copa Quilombo



Fonte: Canal do YouTube TV Quilombo (2022)

O quarto vídeo, que acompanha a final da Copa Quilombola de Futebol, em Presidente Vargas, amplia a noção de pauta jornalística ao incorporar o lazer como dimensão fundamental da vida coletiva. A presença da emissora nesse evento indica o reconhecimento de que práticas esportivas, muitas vezes invisibilizadas pelas coberturas dos próprios jornais do Maranhão, constituem formas legítimas de expressão cultural. A Copa Quilombola, ao reunir diferentes comunidades em torno do futebol, também articula pertencimento, identidade e celebração. A participação popular, o envolvimento dos jovens e a centralidade do torneio nas dinâmicas locais indicam que, para aquelas populações, o campeonato possui valor simbólico equivalente a grandes eventos esportivos nacionais. Ao tornar essa experiência visível, a TV Quilombo

afirma o direito ao lazer como componente da cidadania e revela o cotidiano quilombola em uma agenda pública que respeita suas próprias prioridades.

Dessa forma, trata-se de uma prática comunicacional que reconhece o território como campo de produção cultural e o evento como expressão concreta de valores coletivos e formas de sociabilidade. A cobertura do torneio evidencia como eventos esportivos funcionam como mecanismos de articulação comunitária, em que identidade e pertencimento são atualizados por meio da vivência compartilhada. Nesse contexto, a subjetividade emerge não como expressão individual, mas como dimensão constituída historicamente nas relações sociais, atravessada por marcadores como a territorialidade. Assim, ao registrar práticas cotidianas como o futebol entre comunidades quilombolas, a narrativa incorpora essas marcas e produz visões de mundo que deslocam os enquadramentos convencionais da mídia. A atuação da TV Quilombo, portanto, integra a comunicação ao cotidiano da comunidade, reforçando a centralidade de práticas sociais que articulam vínculo coletivo.

Figura 5 - Troca de experiências de comunicação ancestral no quilombo Tanque da Rodagem - São João



Fonte: Canal do YouTube TV Quilombo, 2024

Por fim, o vídeo que documenta a troca de experiências de comunicação ancestral no Quilombo Tanque da Rodagem evidencia a dimensão formativa da atuação da TV Quilombo. Ao colocar jovens e lideranças comunitárias em diálogo por meio da produção audiovisual, a prática jornalística adquire contornos pedagógicos e intergeracionais. A escrevivência, nesse contexto, se torna ação formadora, em que a comunicação é vivida como um fazer coletivo,

político e educacional. A câmera, nesse caso, não é um dispositivo externo, mas um espelho e uma extensão da comunidade. Essa proposta reverbera um compromisso com o futuro: ao ensinar jovens quilombolas a registrar suas próprias histórias, a emissora garante a continuidade da narrativa por mãos negras, cultivando uma prática comunicacional que é, ao mesmo tempo, arquivo e invenção; memória e inovação.

Além dos vídeos analisados as redes da Rádio e Tv Quilombo acumulam outros exemplos de ações formativas com caráter de perpetuação dos ensinamentos sobre comunicação ancestral, que valoriza narrativas negras e o senso de autonomia dos povos quilombolas, sem depender das agendas mantidas pela mídia hegemônica.

A partir dessa sistematização, é possível observar como os materiais produzidos pela Rádio e TV Quilombo operam deslocamentos discursivos que rompem com a lógica jornalística convencional. Em vez de aplicar um modelo genérico de notícia, os comunicadores constroem narrativas que partem de suas próprias vivências, tensionando as normas de produção da notícia. Há um evidente entrelaçamento entre os fatos reportados e a subjetividade dos sujeitos que os narram, reforçando a ideia de que o jornalismo negro praticado pela emissora é, antes de tudo, uma escrevivência coletiva em ação.

Dessa forma, a análise da Rádio e TV Quilombo revela uma prática jornalística baseada na centralidade da comunidade, no protagonismo das vozes quilombolas e na valorização de epistemologias construídas a partir da experiência negra. A emissora não apenas comunica, mas organiza sentidos, valoriza narrativas “esquecidas” e fortalece vínculos sociais por meio da linguagem. Em lugar de buscar uma representação neutra dos fatos, suas produções afirmam posicionamentos embasados em vínculos históricos e políticos com o território.

A subjetividade, a escrevivência e a identidade cultural, eixos estruturantes deste estudo, operam como fundamentos metodológicos e epistemológicos do jornalismo praticado pelo veículo. A subjetividade não compromete a legitimidade do discurso, mas marca no jornalismo a presença ativa dos sujeitos implicados. A escrevivência, por meio da oralidade, é uma escolha política que reafirma os modos próprios de narrar e perpetuar saberes. A identidade cultural é açãoada como ferramenta de continuidade, estabelecendo relações entre passado, presente e futuro, e permitindo que a narrativa se configure como processo vivo.

Neste contexto, a comunicação deixa de ser apenas canal de transmissão e passa a funcionar como território simbólico. A Rádio e TV Quilombo ocupa esse território de forma crítica, elaborando um jornalismo comprometido com as demandas locais e com a valorização das identidades quilombolas. Trata-se de um modelo comunicacional que tensiona os

parâmetros da objetividade clássica e propõe uma ética informativa orientada pela escuta e pela fala coletiva.

A prática observada também indica contribuições relevantes para o campo dos Estudos Culturais, ao demonstrar que o jornalismo pode operar como prática de reinvenção política e não apenas de relato factual. A escuta das vozes quilombolas evidencia o quanto os sujeitos historicamente silenciados são capazes de produzir narrativas complexas, críticas e enraizadas na realidade que vivem. As experiências relatadas nos vídeos analisados não apenas informam, mas mobilizam, educam e produzem pertencimento.

Por fim, a análise evidencia que iniciativas como a Rádio e TV Quilombo são fundamentais para a construção de políticas públicas voltadas à comunicação popular e comunitária. Seu trabalho é uma resposta prática à concentração dos meios de comunicação, criando um espaço em que o jornalismo se articula com a educação, a política e a cultura. Ao apresentar uma forma de comunicação que se orienta por valores de autonomia, ancestralidade e coletividade, a Rádio e TV Quilombo reafirma o direito de narrar a própria história e contribui para a construção de novas formas de presença negra no espaço público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da necessidade de examinar criticamente os modos de produção jornalística a partir de uma inquietação sobre o senso comum de que o jornalismo deve ser neutro. A questão central envolveu a articulação entre subjetividade, escrevivência e prática jornalística, tendo como eixo teórico o conceito formulado por Conceição Evaristo (2020), que comprehende a escrita como expressão da vida, como gesto que emerge da experiência concreta de sujeitos historicamente silenciados e que, ao escreverem, contam também a narrativa coletiva de seu povo. A partir dessa perspectiva, buscou-se compreender como o jornalismo pode incorporar a subjetividade como elemento estruturante da narrativa, sem que isso comprometa sua legitimidade discursiva.

Para isso, o trabalho ancorou-se nos Estudos Culturais, com destaque para Stuart Hall (2006), cuja contribuição é fundamental para compreender a linguagem como prática discursiva, o papel da representação na produção de sentidos e a identidade como construção histórica. Hall rompe com a noção de identidade essencialista e destaca que os discursos midiáticos não apenas refletem o mundo, mas participam ativamente da sua construção, sendo atravessados por disputas políticas e simbólicas. Essa concepção permitiu compreender o jornalismo como espaço cujas práticas estão vinculadas a posições sociais e a regimes de visibilidade específicos.

O trabalho também se baseou na epistemologia sugerida por Muniz Sodré (2017), para quem o campo comunicacional precisa ser pensado para além da racionalidade instrumental. Sodré propõe uma leitura da comunicação que incorpora a oralidade como tecnologia cultural e reconhece o corpo, o território e a ancestralidade como fontes legítimas de saber. Essa abordagem ofereceu os fundamentos para a valorização da oralidade nas práticas jornalísticas analisadas, especialmente no contexto quilombola, onde a tradição oral desempenha papel estruturante na preservação da memória e na transmissão de conhecimento intergeracional.

No desenvolvimento da pesquisa, a subjetividade foi abordada não como desvio do ideal jornalístico, mas como dimensão inevitável e constitutiva do processo de enunciação. O mito da imparcialidade, presente no jornalismo hegemônico, sustenta-se em uma epistemologia que oculta os marcadores sociais do enunciador e universaliza experiências particulares. Ao analisar o jornalismo praticado por comunicadores negros, identificou-se que a presença do sujeito na narrativa não compromete a validade da informação, mas revela as camadas históricas e afetivas

que estruturam a experiência de mundo. Assim, subjetividade e legitimidade jornalística não são mutuamente excludentes.

A escolha metodológica por uma abordagem qualitativa interpretativa permitiu analisar a atuação da Rádio e TV Quilombo, localizada em Vargem Grande, Maranhão, a partir da observação de alguns materiais produzidos. A investigação foi construída a partir da observação sistemática de conteúdos audiovisuais produzidos pela emissora, organizados segundo um método analítico próprio de observação e interpretação. Essa proposta metodológica buscou evidenciar três dimensões recorrentes nas narrativas analisadas: a subjetividade como marca de enunciação; a escrevivência como prática de produção de conhecimento vinculada à memória; e à identidade cultural, marcada pela autonomia das pautas do povo quilombola.

Complementarmente à análise documental dos materiais audiovisuais, a pesquisa incluiu uma entrevista com Raimundo Quilombo, idealizador da emissora, com o objetivo de compreender, a partir de sua perspectiva, os sentidos atribuídos às práticas comunicacionais desenvolvidas no projeto. A escuta desse sujeito que constrói cotidianamente esse fazer comunicacional permitiu acessar dimensões da experiência que não se expressam apenas nos produtos jornalísticos, mas que estão presentes na trajetória, nas escolhas editoriais e nas intenções que orientam o trabalho da Rádio e TV Quilombo. Assim, a entrevista foi incorporada como parte fundamental do processo analítico, possibilitando articular o conteúdo observado com a vivência de quem atua diretamente na elaboração dessas narrativas.

A análise dos materiais permitiu constatar que a Rádio e TV Quilombo realiza um deslocamento em relação às práticas jornalísticas convencionais. O veículo não apenas noticia, mas organiza sentidos a partir de uma ética comunicacional comprometida com a comunidade e com o território. As reportagens, entrevistas e coberturas de eventos revelam um fazer comunicacional que valoriza o saber local, que legitima a enunciação dos sujeitos historicamente marginalizados e que entende a comunicação como espaço de afirmação política e cultural. A centralidade da oralidade, por exemplo, não é apenas uma escolha técnica, mas expressão de um sistema de conhecimento que historicamente tem sido deslegitimado pelas epistemologias eurocentradas.

A escrevivência, nesse contexto, configura-se como um instrumento teórico-metodológico capaz de iluminar dimensões que escapam aos modelos convencionais de análise jornalística. Sua potência reside na possibilidade de articular vida e linguagem, experiência e discurso, memória e resistência. Ao adotar essa perspectiva, o jornalismo deixa de ser um exercício de observação distanciada e passa a operar como campo de elaboração simbólica da

realidade vivida. A prática jornalística analisada torna visível um modo de narrar que não apenas dá voz a determinados sujeitos, mas reconhece esses sujeitos como produtores legítimos de saber e de sentido.

No mais, a presença do comunicador negro como sujeito de enunciação desloca o centro da narrativa jornalística e propõe um novo paradigma para a produção da notícia. A construção do discurso se dá a partir de referências culturais locais, de experiências compartilhadas e de uma ética da escuta e da participação. Isso se manifesta tanto na forma quanto no conteúdo dos materiais analisados. A linguagem utilizada, os enquadramentos visuais, os temas abordados e a própria estrutura das reportagens revelam uma outra epistemologia jornalística em operação.

Além de seus aportes teóricos, o estudo oferece implicações práticas para o campo da comunicação. Ele evidencia a urgência de rever os parâmetros com que se definem critérios de qualidade jornalística e propõe a incorporação de dimensões como a escuta ativa, o pertencimento territorial, a centralidade das vivências e recortes de classe, gênero e raça no processo de formação de jornalistas. Ao destacar práticas comunicacionais específicas, o trabalho propõe o reconhecimento da diversidade epistêmica que constitui o campo da comunicação e a valorização de experiências que têm sido historicamente marginalizadas nos espaços institucionais de produção do conhecimento.

O jornalismo negro analisado neste estudo evidencia que é possível construir narrativas comprometidas com a realidade das comunidades em que se inserem, sem abrir mão da técnica, mas ressignificando-a. Essa ressignificação parte de uma outra lógica de mundo, em que a comunicação é compreendida também como prática cultural, pedagógica e política. Os comunicadores da Rádio e TV Quilombo atuam como agentes de mediação cultural e educacional, documentando memórias ancestrais e ensinando futuros possíveis às novas gerações.

Nesse sentido, este trabalho reafirma a escrita como prática de existência e o jornalismo como campo de disputa por visibilidade, sentido e poder. Ao examinar a prática comunicacional da Rádio e TV Quilombo por meio das lentes da escrivivência, da subjetividade e da identidade cultural, propôs-se uma reconfiguração teórica do fazer jornalístico, pautada pela escuta sensível, pela enunciação coletiva e pela valorização dos saberes ancestrais. Esse modelo de jornalismo não apenas amplia as possibilidades de narrar, mas redefine os próprios termos da comunicação social.

Como desdobramento, a pesquisa abre espaço para futuras investigações sobre práticas comunicacionais em contextos periféricos, sobre epistemologias negras no campo do

jornalismo e sobre os modos como a escrita e a oralidade podem constituir sistemas complementares de conhecimento. Também aponta para a necessidade de políticas públicas voltadas à comunicação comunitária, que reconheçam o valor social e simbólico dessas iniciativas e promovam a democratização efetiva do acesso à produção de informação.

Conclui-se, portanto, que a subjetividade, a escrevivência e a identidade cultural não apenas informam, mas constituem o próprio tecido da narrativa jornalística quando esta é produzida desde as margens. O jornalismo negro, como evidenciado neste estudo, não representa um desvio da norma, mas a formulação de outra norma possível, fundada na pluralidade epistêmica, na escuta e na ancestralidade como fundamentos do saber comunicacional.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA MURAL. **Agência Mural de Jornalismo das Periferias**. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

ALMA PRETA. **Alma Preta Jornalismo**. Disponível em: <https://almapreta.com/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

ANGU DE GRILLO. **Angu de Grilo – Podcast de Flávia Oliveira e Isabela Reis**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/15cLy4mn3GjaiuHF3WB5np?si=e22a4700331a4444>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: **Revista de Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Edusp, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BISPO, Vilma Neres. **Trajetórias e olhares não convexos das (foto)escre(vivências):** condições de atuação e de (auto)representação de fotógrafas negras e de fotógrafos negros contemporâneo. 2016.

BORGES, Rosane. **Esboços para uma teoria do corpo negro**. São Paulo: Zahar, 2022.

CARDOSO, Aíla Cristhie dos Santos. **A cor de quem escreve narra a história de quem lê: jornalismo negro no Brasil, história e relações com os movimentos negros**. 2025. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.

CARDOSO, Aila. Jornalismo negro: epistemologia da experiência. In: FERREIRA, Fernanda; SILVA, Mônica. **Narrativas insurgentes: perspectivas negras e feministas na comunicação**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2025.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. In: SILVA, Petronilha B. Gonçalves e outros (org.). **Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295–316.

CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência. **Leituras Brasileiras**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QXopKuvxevY?si=CBVjW9GkIdQFGatK>. Acesso em: 27 jul. 2025

DUARTE, Constança Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

- DUARTE, Lia; NUNES, Amanda. Jornalismo negro em plataformas digitais: subjetividade e engajamento como estratégia narrativa. **Revista Latinoamericana de Estudios de la Comunicación**, v. 17, n. 1, p. 89–105, 2020.
- EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo no Roda Viva. [Entrevista cedida a] Vera Magalhães. **Roda Viva**, 06 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/Wnu2mUpHwAw>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- EVARISTO, Conceição. **Apesar das acontecências do banzo. Geledés** — Instituto da Mulher Negra, 5 jan. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-apesar-das-acontecencias-banzo/>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. [S.l.: s.n.], [s.d.].
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2012.
- GOMES, Flávio dos Santos. **História da África e dos africanos**: antologia crítica. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 2012.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira e Carlos A. Medeiros. São Paulo: Cobogó, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEITE, S. C. C. Centro de cultura negra do Maranhão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 63, p. 110–112, 1987.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo:** documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), 1980.

NOTÍCIA PRETA. **Notícia Preta** – Jornalismo Preto, Independente e Antirracista. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. **Nós, Mulheres da Periferia.** Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

PEREIRA, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX.** São Paulo: Selo Negro, 2018.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Periferia em Movimento.** Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Crística Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

Repórter se emociona ao vivo ao falar da morte da mãe por Covid-19; vídeo. Revista Quem, 2020. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/12/reporter-se-emociona-ao-vivo-ao-falar-da-morte-da-mae-por-covid-19-video.html>. Acesso em 10 jul. 2025.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

SILVA, Luciana Soares; NASCIMENTO, Jarbas Vargas do. A Imprensa Negra no início do Século xx em São Paulo: uma perspectiva historiográfica. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN),** v. 2, n. 4, p. 07-21, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SOUZA, C. L. V. Uma experiência com movimento social — Centro de Cultura Negra do Maranhão. **Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro,** n. 8/9, p. 42–43, 1983.

SOUZA, Raquel de. A trajetória do jornalismo negro no Brasil: memória, resistência e insurgência. **Revista Comunicação & Sociedade,** v. 41, n. 3, p. 45–60, 2019.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **Aspectos do 2 de julho.** Salvador: Secretaria Estadual de Educação e Cultura, 1973.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **Sedição intentada na Bahia em 1798.** Salvador: EDUFBA, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA:

1. Como e quando surgiu a Rádio e TV Quilombo?
2. Quem compõe hoje a equipe da Rádio e TV Quilombo?
3. O projeto funciona de forma voluntária ou há algum tipo de remuneração para a equipe?
4. Vocês já participaram ou foram contemplados por algum edital público ou financiamento? Se sim, quais?
5. Vocês se reconhecem como um projeto de jornalismo? Por quê?
6. Como é feita a definição das pautas?
7. Existe alguma rotina ou linha editorial definida sobre os temas que vocês costumam cobrir ou priorizar?
8. Qual a importância da oralidade e da cultura quilombola nas produções de vocês?
9. Quais são os maiores desafios para manter o projeto ativo hoje?
10. Quais os planos ou expectativas para o futuro?

APÊNDICE B - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador(a) do RG nº _____, declaro que fui informado(a) sobre os objetivos e propósitos da pesquisa realizada por Daniele Coelho Campos, portadora do RG nº 04636734335 estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob orientação da professora Flávia de Almeida Moura, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel.

A pesquisa tem como tema “ESCREVER É UMA MANEIRA DE SANGRAR”: as aplicações da escrivivência e o papel da subjetividade na produção do discurso jornalístico a partir de uma análise da atuação de comunicadores negros, e inclui como objeto de análise a atuação da Rádio e TV Quilombo, no Maranhão.

AUTORIZO a utilização das informações prestadas por mim na entrevista concedida, bem como sua gravação (caso realizada), para fins exclusivamente acadêmicos. Autorizo, ainda, a divulgação dos resultados desta pesquisa em ambientes acadêmicos e científicos, desde que mantido o respeito à minha integridade e que os dados não sejam utilizados para fins comerciais ou de outra natureza que não os previstos neste termo.

Estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso me recusar a responder qualquer pergunta, bem como interromper minha participação a qualquer momento, sem que isso me traga prejuízos.

São Luís, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do entrevistado:

Assinatura da Pesquisadora (Daniele Coelho Campos):